



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
Let-01440 - Monografia

**FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DAS LÍNGUAS DOS  
IMIGRANTES BOÊMIOIS NO BRASIL**

Jussara Maria Habel

Professor Orientador:  
Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2014

CIP - Catalogação na Publicação

HABEL, Jussara M.

FUNDAMENTOS PARA O ESTUDO DAS LÍNGUAS DOS  
IMIGRANTES BOÊMIO NO BRASIL / Jussara M. Habel. --  
- 2014.  
68 f.

Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Instituto de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa  
e Literaturas de Língua Portuguesa, Língua Alemã e  
Literatura de Língua Alemã, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Línguas de Imigração Alemã. 2. Contatos Linguísticos Alemão-  
Português. 3. Dialeto Boêmio. 4. Línguas Minoritárias no Brasil.  
5. Dialeto Pluridimensional.  
I. Altenhofen, Cléo Vilson, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Henry Daniel Lorencena Souza (Doutorando PPG-Letras/UFRGS)

Prof<sup>a</sup>. Me. Angélica Prediger (UNISC)

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Português - Alemão.

Porto Alegre, 18 de dezembro de 2014

*Wer fremde Sprachen nicht kennt,  
weiß nichts von seiner eigenen.*  
(Goethe)

*Wer fremde Sproche net kennt,  
wees nix von seiner eigne.*  
(Tradução nossa)

*Quem não conhece outras línguas,  
não conhece a sua.*  
(Tradução nossa)

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>6</b>
<b>ZUSAMMENFASSUNG.....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO .....</b>	<b>18</b>
1.1 Conceitos e noções básicas.....	18
1.1.1 Línguas e variedades das línguas .....	18
1.1.2 Contínuo <i>standard</i> e <i>substandard</i> .....	20
1.1.3 Línguas minoritárias no cenário brasileiro.....	22
1.1.4 Língua de imigração: definição e <i>status</i> .....	24
1.1.5 Espaços de ocupação de línguas minoritárias (ilhas linguísticas e territorialidades) ...	27
1.2 Dinâmica dos contatos linguísticos .....	31
1.2.1 Línguas e variedades: o que entra em contato?.....	31
1.2.2 Processos e variedades decorrentes de contatos linguísticos: .....	33
1.2.2.1 Nivelamento linguístico ( <i>Sprachausgleich</i> ) e coineização .....	33
1.2.2.2 Bilinguismo e diglossia .....	33
1.2.2.3 <i>Code switching</i> e <i>code mixing</i> .....	36
1.2.2.4 Substituição da língua-teto ( <i>Dachsprachenwechsel</i> ) .....	37
1.2.2.5 Substituição linguística ( <i>language shift</i> ) .....	38
<b>APARELHANDO A PESQUISA: DESAFIOS À METODOLOGIA .....</b>	<b>39</b>
2.1 Princípio da pluridimensionalidade da análise da variação e mudança linguística.....	39
2.1.1 Dimensões interindividuais.....	41
2.1.2 Dimensões intraindividuais.....	42
2.2 Instrumentos de obtenção dos dados .....	42
2.3 Realização das entrevistas: pluralidade de informantes .....	44
<b>MAPEANDO A PESQUISA.....</b>	<b>45</b>
3.1 Comunidades de imigrantes boêmios: rede de pontos .....	45
3.2 Estudos do contato boêmio-alemão-português: tópicos e lacunas nos estudos relacionados aos Boêmios .....	52
3.3 Fontes de dados na(s) matriz(es) de origem .....	52
3.4 Variáveis linguísticas identificadas nos estudos: “marcas boêmias” .....	56
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>
<b><i>SITES</i> .....</b>	<b>66</b>
<b>INSTITUIÇÕES E LOCAIS DE PESQUISA.....</b>	<b>67</b>

## RESUMO

A presente pesquisa busca descrever os fundamentos para o estudo da variação e contatos linguísticos do grupo de imigrantes boêmios (Bo), no sul do Brasil. O conceito de *boêmio* remete à matriz de partida dos imigrantes na Boêmia (República Tcheca), que na época da emigração pertencia ao antigo Reino Austro-Húngaro (1867-1918). Esta origem geográfica (topodinâmica, nos termos de THUN, 1998), ao lado da origem linguística de base dialetal bávara, justifica a sobreposição desse conceito com correlatos como *austríaco*, *tcheco*, *bávaro* e mesmo *bucovino*, os quais precisam ser levados em conta na elaboração de estudos comparativos que busquem a completude do grupo no território brasileiro. Somam-se a essa diferenciação interna das línguas de imigração de base dialetal bávara uma série de contatos linguísticos com falantes de outras variedades do alemão, em especial do *Hunsrückisch* (Hrs.; pt. *hunsriqueano*), entre os boêmios do Rio Grande do Sul, do *Hochdeutsch local* (Hdt.; pt. alemão *standard*) e do português como língua oficial majoritária (pt.). É objetivo central deste trabalho apresentar um panorama de pesquisas existentes sobre a língua de imigração boêmia visando estabelecer uma base de iniciação a futuras pesquisas, em especial, para um Projeto de Mestrado em construção. Para tanto, focaliza-se os seguintes objetivos específicos: **a)** identificar uma base conceitual que possa definir e caracterizar a língua e o grupo de pertencimento dos falantes boêmios, **b)** refletir sobre a variação e a mudança linguística, contribuindo para uma compreensão maior do funcionamento das línguas em contato, **c)** reunir subsídios a partir de estudos da matriz de origem para a elaboração de um questionário específico nos moldes da metodologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998), como vem sendo desenvolvida pelo Projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*) coordenado por C. Altenhofen da UFRGS em Porto Alegre e H. Thun da Universidade de Kiel, na Alemanha; e **d)** identificar núcleos de imigrantes boêmios no Brasil, contribuindo para mapear e definir uma rede de pontos para um futuro ALMA-B's, em planejamento no âmbito de grupo de pesquisa, o qual também envolveria o Bávaro (Ba) e o Bucovino (Bu). A possibilidade de desenvolver cada vez mais pesquisas sobre esses três grupos minoritários já vem sendo discutida no Projeto ALMA-H com parcerias da Universidade de Erlangen (*FAU Erlangen-Nürnberg*). Com isso, surgem os seguintes questionamentos: **a)** onde se localizam as comunidades de imigração boêmia? **b)** qual é o estado da pesquisa sobre a variedade linguística desses imigrantes? **c)** com quais grupos de fala os imigrantes boêmios entram em contato? Como resultado, evidencia-se neste trabalho de conclusão de curso uma grande lacuna em estudos linguísticos sobre essas línguas de imigração, restritos na maioria das vezes a histórias locais que, no entanto, auxiliaram na identificação das localidades de presença da língua. Ao todo, foram identificados 07 pontos boêmios (Nova Petrópolis, Farroupilha, Paverama, Venâncio Aires, Agudo, Jaguari e São Bento do Sul), 02 bávaros/austríacos (São Bento do Sul e Treze Tílias) e 02 bucovinos (Mafra e Rio Negro). O trabalho mostrou, além disso, as potencialidades e contribuições do modelo de macroanálise pluridimensional e relacional

para fundamentar uma base sólida de pesquisa da variação linguística desse grupo minoritário de fala boêmia que desse conta da complexidade da variação e dos contatos dessas línguas sob condições sócio-históricas e geográficas distintas.

**Palavras-chave:** Línguas de Imigração Alemã; Contatos Linguísticos Alemão-Português; Dialeto Boêmio; Línguas Minoritárias no Brasil; Dialectologia Pluridimensional.

## ZUSAMMENFASSUNG

### Grundlagen für eine Studie der böhmischen Migrantensprachen in Brasilien

Die vorliegende Untersuchung zielt darauf ab, die Grundlagen für das Studium der Variation und der Sprachkontakte der böhmischen Einwanderer (Bo) im Süden Brasiliens zu beschreiben. Der Begriff Böhmisches bezieht sich auf die Ausgangsmatrix der Einwanderer aus Böhmen (Tschechische Republik). Böhmen gehört zur Zeit der Auswanderung zur ehemaligen Österreichisch-Ungarischen Monarchie (1867-1918). Diese geographische Herkunft (Topodynamik nach THUN, 1998), neben der sprachlichen Basis, dem bayerischen Dialekt, beweist die Überlappung des Konzepts Böhmisches mit ähnlichen Konzepten wie Österreichisch und Tschechisch, Bayerisch und sogar Bukowinisch, die bei der Herstellung von Vergleichsstudien, die die Böhmen in Brasilien vollständig beschreiben wollen, berücksichtigt werden müssen. Zu dieser inneren Differenzierung der Einwanderungssprachen mit bayerischer Dialektbasis kommt eine Reihe von sprachlichen Kontakten mit Sprechern anderer Varietäten des Deutschen hinzu – insbesondere Hunsrückisch (Hrs.; pt. hunsriqueano) unter den Böhmen von Rio Grande do Sul, lokales Hochdeutsch (Hdt.; pt. alemão *standard*) und Portugiesisch als Amtssprache der Mehrheit (pt.). Es ist ein zentrales Ziel der vorliegenden Studie, einen Überblick über die bestehende Forschung zur böhmischen Einwanderungssprache zu geben, auf dessen Grundlage sich weitere Untersuchungen aufbauen lassen – so zum Beispiel ein zukünftiges Masterprojekt. Es ergeben sich folgende zentrale Ziele für die vorliegende Arbeit: **a)** Identifikation einer theoretischen Grundlage, die die Sprache und die zugehörige Sprechergruppe der Böhmen definieren und charakterisieren kann, **b)** Reflektion über Variation und Sprachwandel, um ein besseres Verständnis der Funktionsweise der Sprachen in Kontakt zu erhalten, **c)** Sammeln von Elementen aus den Quellenmatrix-Studien zur Entwicklung eines spezifischen Fragebogens nach dem Vorbild der pluridimensionalen und relationalen Methode (THUN, 1998), wie bei der Entwicklung des Projekts ALMA-H (*Sprachkontaktatlas der deutschen Minderheiten im La-Plata-Becken: Hunsrückisch*) durch C. Altenhofen der UFRGS in Porto Alegre und H. Thun der Universität zu Kiel, in Deutschland koordiniert. **d)** Identifikation böhmischer Einwanderergruppen in Brasilien, um ein Netzwerk zu kartieren und zu definieren, aus dem in Zukunft im Rahmen der Forschungsgruppe ein Projekt ALMA-B's entwickelt werden kann, welches auch das Bayerische (Ba) und das Bukowinische (Bu) einschließt. Die Möglichkeit der Entwicklung von weiteren Forschungsprojekten über diese drei Minderheiten in Zusammenarbeit mit der Universität Erlangen (*FAU Erlangen-Nürnberg*) wurde im Projekt ALMA-H bereits diskutiert. Daher stellen sich folgende Fragen: **a)** Wo befinden sich die böhmischen Einwanderungsgemeinden? **b)** Was ist der Stand der Forschung zur sprachlichen Vielfalt der Einwanderer? **c)** Mit welchen Sprachgruppen treten die böhmischen Einwanderer in Kontakt? Diese Abschlussarbeit zeigt, dass bezüglich dieser Einwanderungssprachen eine große Lücke in der sprachwissenschaftlichen Forschung besteht. Meist beschränken sich die Informationen auf lokale Geschichte. Diese haben jedoch zur Identifizierung von Standorten mit Sprachpräsenz beigetragen. Insgesamt wurden sieben böhmische (in Nova Petrópolis, Farroupilha, Paverama, Venâncio Aires, Agudo, Jaguari und São Bento do Sul), zwei bayrische/österreichische (São Bento do Sul und Treze Tílias) und zwei bukowinische Punkte (Mafra und Rio Negro) identifiziert. Die Studie zeigt außerdem Möglichkeiten und Beiträge der pluridimensionalen und relationalen Makroanalyse als

Methode zur Entwicklung einer soliden Grundlage variationslinguistischer Forschung zur böhmischen Minderheitensprache, die die Komplexität der Variation und Kontakte dieser Sprachen in verschiedenen sozio-historischen und geographischen Bedingungen erklären würde.

**Schlüsselwörter:** Deutsch als Einwanderungssprache; Sprachkontakt Deutsch-Portugiesisch; Böhmisches Mundart; Minderheitensprachen in Brasilien; pluridimensionale Dialektologie.

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Letras tem por ponto de partida os contatos linguísticos observados em minha comunidade de origem,<sup>1</sup> Paverama, no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, entre dois grupos de imigrantes alemães no Sul do Brasil, os boêmios (*Böhmisch*) e os hunsriqueanos (*Hunsrückisch*). Por *Hunsrückisch* (pt. *hunsriqueano*), entende-se, segundo Altenhofen (1996, p. 27), uma variedade suprarregional de língua de imigração alemã no Rio Grande do Sul constituída por um contínuo dialetal que remete a uma base de origem francônio-renana e francônio-moselana, à qual se incorporaram elementos específicos do contato linguístico com a língua portuguesa. Por outro lado, o conceito de *boêmio* remete à matriz de partida dos imigrantes na Boêmia (República Tcheca), que na época da emigração pertencia ao antigo Reino Austro-Húngaro (1867-1918). Esta origem geográfica (topodinâmica, cf. THUN, 1998), ao lado da origem linguística de base dialetal bávara, justifica a sobreposição desse conceito com correlatos como *austriaco*, *tcheco*, *bávaro* e mesmo *bucovino*, os quais precisam ser levados em conta na elaboração de estudos comparativos que busquem a completude do grupo no território brasileiro. Somam-se a essa diferenciação interna das línguas de imigração de base dialetal bávara uma série de contatos linguísticos com falantes de outras variedades do alemão, entre as quais se incluem, além do *Hunsrückisch* (Hrs.), entre os boêmios do Rio Grande do Sul, o *Hochdeutsch local* (Hdt.; pt. alemão *standard*) e o português como língua oficial majoritária (pt.). Segundo Bauer (1907), desde o século XII até meados do século XVII, agricultores alemães, a maioria bávaros, migraram para a Boêmia em busca de novas terras.

O tema da(s) língua(s) dos imigrantes boêmios coloca uma série de questionamentos sobre a(s) variedade(s) de fala presente(s) nas comunidades de Linha Brasil e de Santa Manoela, em Paverama. Com base na toponímia (*Eestreich* ‘Österreich’, pt. Linha Brasil, e *Russland*, pt. Santa Manoela - ALTENHOFEN & MORELLO (2013, p.

---

<sup>1</sup> O presente estudo vem sendo desenvolvido desde 2013/1 com a busca constante por bibliografias que pudessem esclarecer algumas dúvidas sobre as localidades de *Österreich* ‘Linha Brasil’ e de *Russland* ‘Santa Manoela’, Paverama/RS. Os questionamentos em relação aos grupos de fala alemã da minha cidade de origem foram aumentando com a experiência na área da pesquisa adquirida no Projeto ALMA-H. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/projalma/>> Acesso em: 10/12/2014. A busca por uma explicação a esse contexto linguístico continuou em 2013/2 durante o intercâmbio de estudos germanísticos na Universidade de Erlangen, na Bavária (FAU Erlangen-Nürnberg < <https://www.fau.de/>>).

22), assim como também na vivência enquanto membro na comunidade e em observações de inscrições nos cemitérios locais (cf. fig. 01, 02 e 03 abaixo), tem-se o indicativo de que se trata de uma comunidade fundada por imigrantes provenientes da região da Boêmia (parte da atual República Tcheca), à época pertencente ao antigo Reino Austro-Húngaro. A origem dos imigrantes não significa, contudo, que a língua de origem ainda seja a mesma, falada hoje.

A imigração dos boêmios para o Sul do Brasil, onde esta pesquisa se concentra, iniciou a partir da segunda metade do século XIX. Historiadores locais (LANG, 1995; SCHIERHOLT, 2002) apontam que o processo de ocupação dos boêmios se iniciou em 1873 a partir da Picada Hermann (hoje conhecida por Linha Germana Fundos, Teutônia/RS). Inicialmente, apenas quatro famílias formaram a colônia de “austríacos”<sup>2</sup> e foram colonizando as terras até a chegada de mais grupos familiares. Em seguida, com a chegada de mais colonizadores, estes foram se instalando na Picada *Neu Österreich* (Nova Áustria, hoje conhecida por Linha Brasil, Paverama/RS).



**Fig. 01:** Inscrição em lápide do cemitério de Linha Brasil (hrs. *Eesterreich*), no interior de Paverama/RS: “*Hier ruhet in Frieden Wenzel Reckziegel. Geboren 27. April 1827 zu Johannesberg bei Gablons in Böhmen. Gestorben 26. Juni 1918*”.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Entendido aqui como autodenominação derivada do fato de “provirem de uma área pertencente ao então Império Austro-Húngaro”.

<sup>3</sup> **Tradução nossa:** Aqui descansa em paz Wenzel Reckziegel. Nascido em 27 de abril de 1827 em Johannesberg, Gablons, região de Böhmen ‘Boêmia’. Falecido em 26 de junho de 1918.



**Fig. 02:** Inscrição em lápide do cemitério de Linha Brasil (hrs. *Eesterreich*), no interior de Paverama/RS: “*Hier ruhet in Frieden Johanna Tischer, geboren Breusler. Geboren 18. Oktober 1847 zu Johanesberg in Böhmen. Gestorben 31. Dezember 1930*“.<sup>4</sup>

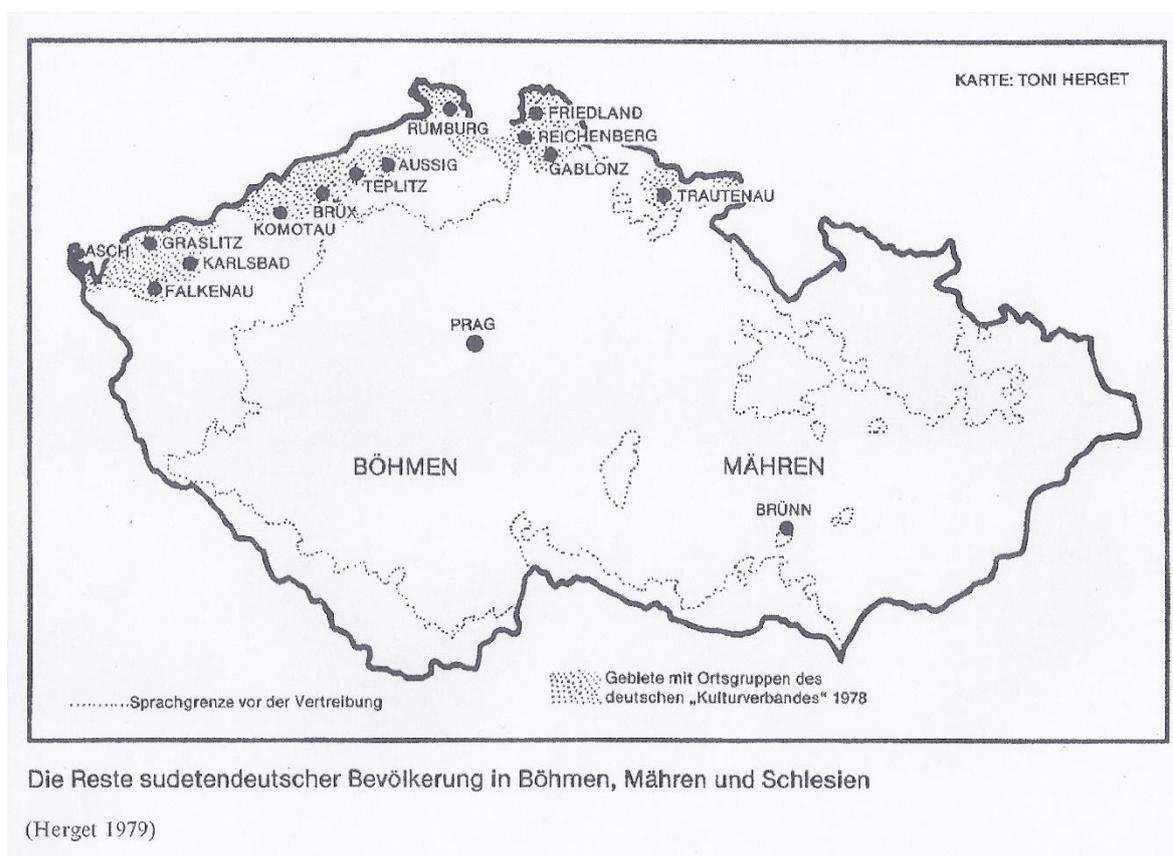


**Fig. 03:** Inscrição em lápide do cemitério de Linha Brasil (hrs. *Eesterreich*), no interior de Paverama/RS: “*Hier ruhet in Frieden Heinrich Klamt. Geboren 2. März 1861 in Grenzendorf in Böhmen. Gestorben 20. November 1921*“.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> **Tradução nossa:** Aqui descansa em paz Johanna Tischer, nascida Breusler. Nasceu em 18 de outubro de 1847 em Johannesberg, Böhmen ‘Boêmia’. Faleceu em 31 de dezembro de 1930.

<sup>5</sup> **Tradução nossa:** Aqui descansa em paz Heinrich Klamt. Nascido em 2 de março em Grenzendorf na Boêmia. Falecido em 20 de novembro de 1921.

Os dados referentes aos nomes das famílias, com ano de nascimento e de falecimento, e ainda, com a especificação da cidade de origem, foram coletados e fotografados em visitas a dois cemitérios de confissão católica da comunidade de Linha Brasil. Identificamos outras possíveis famílias de origem boêmia, as quais não apresentam a cidade de origem grafada em suas lápides, porém muitas dessas famílias constam nos registros do cartório da cidade como naturais da Áustria<sup>6</sup>. Com essa denominação generalizada não se sabe ao certo se as famílias de imigrantes denominados *austríacos* também têm suas origens ligadas à região da Boêmia ou dos Sudetos.<sup>7</sup> Na fig. 04 abaixo, visualizamos alguns nomes de localidades de origem de alguns imigrantes que se instalaram em Paverama, registrados nas inscrições do cemitério em Linha Brasil, como *Gablonz e Reichenberg*, além da referência à região da Boêmia (*Böhmen*), no centro do mapa.



..... Fronteiras linguísticas antes da expulsão dos imigrantes alemães da Boêmia.

▣ Locais com grupos culturais alemães, 1978 (Trad. nossa).

**Fig. 04:** Figura com o esboço do restante dos alemães sudetos na Boêmia, Morávia e Silésia (HERGET, 1979 *apud* BORN; DICKGIEßER, 1989, p. 225).

<sup>6</sup> Conforme tabela 2 abaixo.

<sup>7</sup> Os Sudetos (dt. *Sudetenland*) correspondem a estreita faixa no mapa e fazem fronteira com a Boêmia, Alemanha e Polônia. A região dos Sudetos também foi colonizada por alemães.

Os dados do quadro a seguir, tab. 01, reforçam as observações feitas sobre a origem dos imigrantes na localidade de Linha Brasil, Paverama/RS.

<b>Cidades de nascimento dos teuto-boêmios</b>	<b>Nomes</b>	<b>Ano de nascimento</b>	<b>Ano de falecimento</b>
Johannesberg bei Gablons, in Böhmen	Wenzel Reckziegel	1827	1918
Johannesberg bei Gablons, in Böhmen	Wilhelm Schaurich	1844	1891
Johannesberg in Böhmen	Josef Tischer	1834	1906
Johaãesberg in Böhmen	Josef Tischer II	1845	1923
Johannesberg bei Reichenberg	Beata Tischer Schaurich	1843	1919
Johannesberg	Josef Reckziegel	1869	1913
Johaãesberg in Böhmen	Josef Jantsch	1852	1935
Johaãesberg in Böhmen	Anna Tischer	1856	1925
Johaãesberg in Böhmen	Johanna Brensler	1847	1930
Johannesberg in Böhmen	Anna Born	1837	1904
Johannesberg, Regir. Oesterreich	Franz Nirich	1840	1926
Johannesberg in Böhmen / Österreich	Franz Jantsch	1818	1894
Grenstorf in Böhmen	Theresia Klamt	1862	1937
Grenstorf	Emiliano Schaurich	1870	1922
Grens Dorf in Böhmen	Anna Keil	1861	1924
Grenzendorf in Böhmen	Heinrich Klamt	1861	1921
Wiesental in Böhmen	Anna Richter	1838	1909
Wiesenthal / bei Gablonz in Böhmen	Amalia Preusle	1842	1908
Gablonz in Böhmen	Anna Jantsch	1850	1932
Mordorf in Böhmen	Agatha Reckziegel	1842	1902

**Tab. 01:** Levantamento de dados realizado em lápides: Linha Brasil – Paverama / RS. Na antiga escrita da língua alemã podemos visualizar a forma do ñ que equivale ao *nm* (o 'n' duplo) como nos exemplos desta tabela.

O mesmo pode ser observado em sobrenomes de imigrantes, conforme dados coletados em arquivos e cartório (ver tab. 02).

<b>Nome + Sobrenome</b>	<b>nascimento</b>	<b>falecimento</b>
T. Keil	1862	1937
C. Tischer	1898	1973
M. Jantsch	1895	1980
W. Terneny	1881	1958
H. Reckziegel	1884	1949
J. Klamt	1852	1912
U. Alebrand	1926	1927
F. Ulrich	1874	1926
L. Rasche	1941	1949

**Tab. 02:** Demais registros de sobrenomes com possíveis origens ligadas à Áustria, segundo as pesquisas em cartório. Nem sempre os documentos deixam o local de nascimento devidamente esclarecido.

A descoberta dessas relações na memória histórica dos imigrantes boêmios de Paverama, longe de esgotar todas as perguntas e respostas, suscitou a necessidade de compreender e de refletir ainda mais sobre esses processos decorrentes dos contatos linguísticos presentes na região sul do Brasil. Duas perguntas centrais se colocam: 1) Qual a bagagem linguística trazida por esses imigrantes, ao se instalarem no Vale do Taquari? 2) O que ainda subsiste/sobrevive dessas línguas originais em termos de variedade linguística ou de marcas linguísticas? E o que mudou/se perdeu?

É, sem dúvida, tarefa complicada reconstruir uma língua para a qual não se tem gravações ou registros. Contudo, observo enquanto falante da língua hunsriqueana que muitos dos moradores de Linha Brasil, em Paverama, “falam uma língua diferente”, a qual tem suas variações e peculiaridades. Os falantes do hunsriqueano denominaram esse outro grupo de falantes da variedade alemã de “*Die Österreicher*” (os austríacos).

A partir desse contexto surgiu a necessidade de compreender melhor os processos decorrentes deste contato linguístico entre as duas línguas (especificamente, entre o hunsriqueano e o boêmio), e de refletir sobre tais processos, os quais ainda hoje são pouco abordados no curso de Letras. Além de reunir subsídios para futuras pesquisas a nível de Mestrado, este estudo coloca os seguintes objetivos:

- a) identificar uma base conceitual que possa definir e caracterizar a língua e o grupo de pertencimento dos falantes boêmios;
- b) refletir sobre a variação e a mudança linguística, contribuindo para uma compreensão maior do funcionamento das línguas em contato;
- c) reunir subsídios a partir de estudos locais e da matriz de origem para, no futuro, elaborar um questionário específico nos moldes da metodologia pluridimensional e contatual (THUN, 1998) e
- d) identificar núcleos de imigrantes boêmios no Brasil, visando mapear e definir uma rede de pontos para futuras pesquisas linguísticas.

Os grupos falantes de línguas alemãs minoritárias carecem de uma atenção maior para manter essa riqueza da diversidade linguística viva, pois não há uma compreensão por parte do poder público para preservar e fomentar esse contexto de plurilinguismo e de contatos linguísticos. Nas escolas municipais e estaduais do município não se tem o conhecimento necessário para trabalhar a questão dos contatos linguísticos existentes, e por isso, geralmente se opta entre o ensino do espanhol ou do inglês. Porém as instituições públicas não devem ignorar as línguas pré-existentes nas comunidades. As escolas municipais em conjunto das comunidades escolares possuem a autonomia, segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96)<sup>8</sup> para adaptar o currículo escolar conforme a necessidade de cada comunidade escolar. Os relatos de estudantes que vivem nestas áreas de contatos linguísticos são de que a escola deveria obrigatoriamente oferecer aulas de língua alemã, pois essa seria mais uma língua que auxiliaria na vida profissional, além de formar indivíduos mais interculturais e conhecedores da história local.

Em contrapartida, alguns estudos atuais enfatizam a importância da pluralidade linguística, ou seja, quanto mais línguas o indivíduo fala, melhor para o seu crescimento pessoal, cultural e profissional. Os benefícios do plurilinguismo são defendidos por Steffen (2008), quando afirma que dominar um dialeto como primeira língua deveria ser visto como algo mais vantajoso e não como um obstáculo para aprender outras línguas. Steffen, além disso, reforça a tese de que o fomento do plurilinguismo local “seria uma solução

---

<sup>8</sup> Para se informar mais sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional consulte o *site* em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> > Acesso em 18/12/2014.

econômica para garantir o aprendizado de várias línguas, o que hoje em dia quase é uma necessidade para o desempenho profissional”, ainda mais que, “linguisticamente o *Hunsrückisch* é mais próximo ao alto alemão em comparação com o *Plautdietsch*. Sobretudo no consonantismo o *Hunsrückisch* compartilha traços com a língua padrão que no baixo alemão não são presentes” (STEFFEN, 2008).

Para o propósito de dar mais visibilidade às línguas de imigração no Brasil, é de suma importância compilar os estudos acerca do contato linguístico entre hunsriqueano e boêmio, a fim de chegar a um levantamento mais representativo da pesquisa atual nesta área. Para tanto, colocam-se as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Onde se localizam as comunidades de imigração boêmia?
2. Qual é o estado da pesquisa sobre a variedade linguística desses imigrantes?
3. Com quais grupos de fala os imigrantes boêmios entram em contato?

Para facilitar a análise e leitura deste trabalho, divido-o em três partes principais. Inicialmente, serão detalhados e (re)discutidos os principais conceitos relacionados a este estudo. Ainda no capítulo 1, torna-se necessário descrever a ocupação territorial desses grupos de fala da variedade alemã.

No segundo capítulo, são descritos os desafios da metodologia pluridimensional prevista para o Projeto de Mestrado, em elaboração, visando a análise e interpretação da variação e das mudanças linguísticas entre esses grupos de imigrantes alemães. O capítulo finaliza com a identificação de uma rede de pontos que serve de orientação para futuras pesquisas em comunidades de imigrantes boêmios.

O terceiro e último capítulo busca realizar um mapeamento do estado da pesquisa com vistas a indicar possíveis tópicos ou lacunas em estudos relacionados aos imigrantes boêmios. A fim de subsidiar a elaboração de um questionário de pesquisa para o grupo boêmio, nos moldes do questionário do ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), no qual se insere o presente TCC,<sup>9</sup> serão identificadas algumas marcas da fala dos imigrantes boêmios que também servirão de base para as futuras pesquisas.

---

<sup>9</sup> Contribuí para a elaboração do TCC minha atuação como bolsista de iniciação científica no projeto ALMA-H.

# Capítulo I

## DEFININDO O OBJETO DE ESTUDO

### 1.1 Conceitos e noções básicas

#### 1.1.1 Línguas e variedades das línguas

O termo *dialeto* vem etimologicamente do grego *diálektos*, o que quer dizer “modo de falar individual”. Por se tratar essencialmente de um modo de “falar”, criou-se em alemão também o termo corrente *Mundart*, isto é, a arte de falar ou de se comunicar “oralmente” com outras pessoas. Talvez seja essa a principal diferença entre dialeto e língua: a tradição da oralidade por parte do dialeto e da escrita por parte da língua, uma vez que o sistema linguístico de uma é tão complexo quanto o da outra.

As diferenças entre língua oral ou entre uma língua com um sistema de escrita não são abordadas diretamente por Coseriu (1982). O autor afirma, principalmente, de que um dialeto é considerado uma língua, direta e indiretamente, devido a sua atividade linguística. Além do mais, entre dialeto e língua não há uma diferença de natureza substancial. Segundo o autor, um dialeto simplesmente é uma língua, pois também tem um sistema de fonemas, de léxico e ainda possui uma gramática. No entanto, nem toda língua pode ser considerada um dialeto, segundo as afirmações de Coseriu.

“Pero, si todo “dialecto” es una lengua, no toda “lengua” es un dialecto. En efecto, tanto en el uso corriente como en la lingüística, hablamos de “dialectos de una lengua” [...], es decir que subordinamos los dialectos a determinadas lenguas”. (COSERIU, 1982, p. 11)<sup>10</sup>

As denominações de *língua* e *dialeto* sempre geraram longas discussões, pois tem-se uma dificuldade de delimitar e de traçar com exatidão quais as diferenças de um termo ao outro. Enquanto a língua tem um caráter oficial e é considerada a língua de uma nação, o dialeto é considerado um subsistema, muitas vezes utilizado para designar uma “língua errada” ou uma “língua de colonos”, a língua dos homens do campo. Segundo Coseriu

---

<sup>10</sup> Tradução nossa: “Mas, se todo “dialeto” é uma língua, nem toda “língua” é um dialeto. Com efeito, no uso comum como em linguística, falamos de “dialetos de uma língua” [...], ou seja, subordinamos os dialetos a certas línguas”.

(1982), estaria implícito no conceito *diálekto* do grego de que o dialeto equivaleria a um sistema linguístico menor, dentro de um sistema maior. E todo dialeto estaria ligado a uma língua histórica (sistema maior) que apresentaria variedades de fala.

As diferenças linguísticas ou variedades, tanto na língua como no dialeto, também podem ser notadas na fonologia, na morfologia, no léxico e na estrutura frasal (na sintaxe). Essas variedades ocorrem devido ao tempo, o espaço, a estratificação social e a situação social em que o indivíduo está inserido, como Berruto mostra neste excerto:

“The main factors in the societal structure of a given linguistic community that can co-occur with (inner) linguistic differences fall into four types. First, time and space; then, social stratification; and last, social situations”. (BERRUTO, 2010, p. 226)<sup>11</sup>

A *variedade* é um termo linguístico que utilizamos para designar diferentes formas de manifestações de fala pelos seus usuários em uma determinada língua, a qual pode ser considerada um dialeto. Sua vantagem está em designar de forma mais ampla e neutra “modos de falar distintos”, sem as conotações negativas que o termo dialeto evoca na sociedade. A noção de “variedade” depende diretamente de quando, onde e em qual situação o indivíduo se encontra imerso linguisticamente. Interligado a esses fatores tem-se uma sociedade de falantes que vai determinar de forma inconsciente a variedade linguística com suas peculiaridades locais, assim como Berruto descreve acima.

Do ponto de vista da linguística, podemos afirmar que o hunsriqueano e o boêmio são variedades da língua alemã, ou seja, são duas variantes dialetais coletivas, faladas em comunidades de fala distintas, ou ainda, um conjunto de indivíduos que compartilham uma língua ou variedade comum. Sendo assim, uma língua, assim como uma variável linguística, engloba um conjunto de variantes, ou quando se pensa em sistemas linguísticos coletivos, variedades linguísticas. Neste sentido, por exemplo a designação para <vestidos>, variável lexical, o item linguístico que é alvo de variação e mudança, pode ter diferentes realizações no hunsriqueano (*die Kleider* var. *Reck* var. *Kittle*) e na variedade boêmia (*die Kutten*).

---

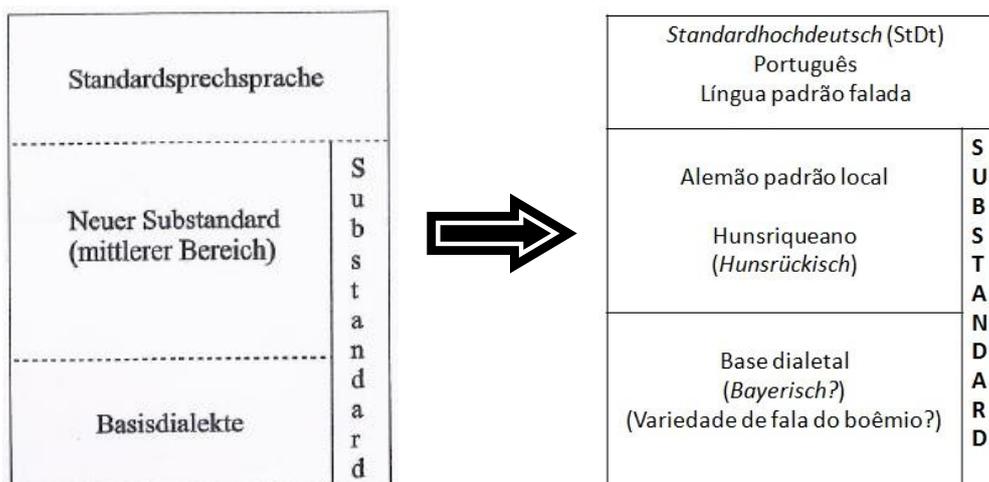
<sup>11</sup> Tradução nossa: “Os principais fatores da estrutura social de uma certa comunidade linguística que podem ocorrer com diferenças linguísticas internas são encontradas em quatro níveis, primeiramente no **tempo** e **espaço**; na **estratificação social** e por último, em **situações sociais**”.

A variação das línguas e dos dialetos já são fatos e verdades que não se pode negar. A heterogeneidade de qualquer língua, sua variação interna, dá-se em diferentes dimensões variacionais: diatópica (espaço geográfico), diastrática (nível de escolaridade), diageracional (jovens e velhos) e diafásica (contexto de fala), para citar as mais evidentes. Voltarei à questão da pluridimensionalidade da variação linguística mais adiante. Antes, cabe situar a variedade de fala hunsriqueana e a variedade de fala boêmia no contínuo variacional mais *standard* ou menos *standard*.

### **1.1.2 Contínuo *standard* e *substandard***

O contínuo *substandard* começou a ser discutido com mais intensidade a partir de Bellmann (1983, p. 123), ao localizar a estrutura de uma variedade em um contínuo linguístico variacional que compreende um conjunto de variedades linguísticas estabelecidas entre o *standard* e o *substandard*. A aceitação de variedades individuais (dialetos e subdialetos) só faz sentido enquanto for possível uma delimitação dessas variedades. No presente estudo, os imigrantes boêmios e hunsriqueanos vieram com um contínuo variacional, o qual varia de um lugar para outro, conforme a origem e a história de cada grupo de falantes. Até mesmo entre os falantes de hunsriqueano encontramos variedades que variam no contínuo do *substandard* conforme os fatores extralinguísticos.

Na descrição da variedade Bo (boêmia) devemos levar em conta a influência das demais variedades em contato. Essas variedades incluem o Pt (português), o Hrs (hunsriqueano rio-grandense) e o Hdt (alemão-*standard* local). No contexto deste estudo, referindo-se aos falantes de Paverama, o boêmio representa o nível [+dialetal], situado mais abaixo do contínuo conforme mostra o quadro adaptado de Bellmann (1983).



**Fig. 05:** Estrutura do *substandard* (BELLMANN, 1983 *apud* LENZ 2005), adaptada à situação das variedades presentes na localidade dos falantes boêmios em Paverama. Esta figura está aberta para ser readaptada conforme cada ponto de pesquisa, retratando melhor as situações de contatos linguísticos locais.

Por língua *standard* entende-se a língua mais padronizada, com suas regras e normas de uso mais formal, escrito. Isso inclui o português e o Hochdeutsch (alemão padrão). Porém, por *substandard* entende-se toda a área abaixo da língua-padrão (*standard*), incluindo os dialetos de base. Com os dialetos de base, no caso o boêmio entendido aqui na sua forma [+dialetal], originalmente de base dialetal bávara (*Bayerisch*), descreve-se uma variedade local que representa a variedade mais distante do *standard* que serve de língua-teto (*Dachsprache*), portanto mais abaixo no contínuo.

Na área central do quadro de Bellmann denominada *Neuer Substandard*, inclui-se também a linguagem coloquial (*Umgangssprache*), ou falar cotidiano, normalmente utilizado na comunicação com outros fora da comunidade de fala dialetal. Neste estudo, o hunsriqueano assume o papel da comunicação livre e do dia a dia. Porém, se os falantes do *Hunsrückisch* assistem uma missa ou culto em alemão, ouvem uma variedade mais *standard* que, no entanto, ainda permanece no contínuo intermediário do alemão padrão local. Segundo Bellmann, essa variedade da língua alemã padrão sofre influências das línguas locais, o que a posiciona no contínuo *substandard*.

A fala dos boêmios enfrenta, portanto, a concorrência natural do português, [+*standard*] e [+*formal*], e ainda há a presença das variedades intermediárias do *novo substandard*, o hunsriqueano e o alemão padrão local. Entre todas essas variedades

estabelece-se um contato que leva à transferência de marcas do português para o hunsriqueano e dessas variedades para o boêmio e vice-versa.

As discussões em torno dos termos *standard* e *substandard* estão cada vez mais presentes na sociolinguística. Ammon (2005, p. 29) acredita que seus informantes, enquanto leitores do alemão *standard*, percebem de forma clara que a língua varia em cada região. O autor cita as três possibilidades de variação:

- 1) Variação da língua *standard* em diferentes países;
- 2) Variação regional do *standard* dentro do país, e
- 3) Variação de uma variável em diferentes países e, ao mesmo tempo, abrangendo diferentes regiões.

O autor ainda diferencia do *standard* o que ele denomina de *nonstandard*. Esse abrange o uso da língua em situações menos monitoradas, ou seja, o uso informal da língua que também não teria um *status* social se comparado com a variedade *standard*. No entanto, entendemos que *nonstandard* e *substandard* se comportam em termos de características como sendo sinônimos.

### **1.1.3 Línguas minoritárias no cenário brasileiro**

Atualmente, as línguas minoritárias estão recebendo maior visibilidade por meio das políticas linguísticas que vêm sendo implementadas. Neste contexto, torna-se necessário citar dois órgãos ou instituições de grande relevância no Brasil, pelo fato de assumirem o trabalho em defesa das línguas minoritárias brasileiras:

- 1) IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística) fundado em 1999, com sede em Florianópolis, SC, Brasil. Esse Instituto objetiva: desenvolver a reflexão e combater o preconceito na área de línguas, apoiar tecnicamente os falantes das línguas minoritárias, indígenas ou de imigração, refletir e agir sobre as políticas linguísticas, criar um centro de documentação de línguas, entre outros.

- 2) IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) fundado em 1937 pela Lei nº 378, no governo de Getúlio Vargas e, desde então, vem realizando um trabalho permanente de identificação, documentação, proteção e promoção do patrimônio cultural brasileiro. No entanto, conforme as necessidades vêm sendo aprimorado e ampliado.

Com a forte atuação desses Institutos, aconteceram três momentos históricos e fundamentais que devem constar neste trabalho de conclusão, pois esses fatos representam as línguas minoritárias e aumentam a visibilidade das línguas em nosso país.

- a) Inicialmente vale lembrar do Seminário de Criação do Livro de Registro das Línguas, promovido pelo IPHAN e IPOL em março de 2006, na Câmara dos Deputados, em Brasília.
- b) Após foi realizada a Audiência Pública da Diversidade Linguística do Brasil, em 13 de dezembro de 2009, em que o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística (GTDL) encaminhou propostas que resultaram no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL).
- c) O Decreto 7.387, de 09 de dezembro de 2010, instituiu o INDL sob gestão do Ministério da Cultura. No artigo primeiro tem-se de que o Inventário de línguas seria um “instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”.

Para esse quadro, ao qual se somam ainda outras iniciativas apontadas por Altenhofen (2013a, p. 110), com resultados muito importantes para o reconhecimento e a valorização das línguas que compõem a diversidade linguística no Brasil, a pesquisa das línguas minoritárias desempenha papel vital, para subsidiar ações de salvaguarda dessas línguas e diagnosticar tarefas e demandas. Um fato que vai organizar esse trabalho foi a sua categorização como segue:

- 1) línguas indígenas;
- 2) variedades regionais da língua portuguesa;
- 3) línguas de imigração;

- 4) línguas de comunidades afro-brasileiras;
- 5) línguas brasileiras de sinais;
- 6) línguas crioulas.

Esta categorização, segundo Altenhofen e Morello (2013, p. 20), foi muito útil para adequar as políticas linguísticas conforme a especificidade de cada língua, dando uma visibilidade maior e gerando uma repercussão entre municípios que estão buscando cooficializar as línguas do seu contexto. Através da cooficialização de uma língua minoritária as municipalidades encontram maior amparo para salvaguardar essas línguas e promover o seu potencial para a educação e as relações na sociedade.

Não podemos nos omitir diante do potencial da diversidade linguística que está em nosso meio. Devemos trabalhar cada vez mais para conscientizar a população jovem da importância do bilinguismo em nosso país e despertar o interesse em aprender outras línguas. Sabemos que o mercado de trabalho está exigindo mais de uma língua estrangeira e que todas as outras línguas das quais o indivíduo tiver conhecimento somam pontos preciosos e acabam diferenciando esse candidato, por exemplo, na busca por uma vaga de trabalho ou de estudos em universidades renomadas do exterior.

#### **1.1.4 Língua de imigração: definição e *status***

Por *língua de imigração* entende-se inicialmente a língua trazida pelos imigrantes que se instalaram no Brasil, principalmente ao longo do século XIX. Levando em conta o constante contato linguístico das línguas em território brasileiro, formulou-se o termo *Línguas Brasileiras de Imigração*, o qual está tendo cada vez mais visibilidade por meio do Fórum Permanente das Línguas Brasileiras de Imigração (Forlibi - <http://www.forlibi.blogspot.com.br/>).

Altenhofen (1998, p. 19) considera quatro características essenciais para uma “língua de imigrantes”: *a)* língua de grupo, *b)* língua com variedades de fala heterogênea, *c)* língua em movimento e *d)* língua em contato. A língua dos hunsriqueanos e dos boêmios se constituiu a partir da imigração de grupos originários, principalmente da região do *Hunsrück*, na Alemanha, e dos alemães que migraram da Boêmia para o Brasil, o que caracteriza a língua desses imigrantes de língua de grupo.

Os imigrantes vindos dos mais diversos lugares e regiões da Alemanha entraram em contato, no Brasil, formando grupos de fala heterogênea. Daí as línguas de imigração se

definirem essencialmente como línguas em movimento. O fato das diferentes variedades linguísticas da matriz de partida na Alemanha terem se encontrado nas regiões do sul do Brasil coloca as línguas em contato e as reordena conforme a situação linguística encontrada neste novo meio em que os grupos se instalaram.

Não bastassem os contatos entre as diferentes variedades de língua alemã, os imigrantes ainda se depararam com o português, mais tarde com o italiano, polonês, russo e, nas fronteiras, com o espanhol. Em meio a essa riqueza de línguas, a língua de imigração ainda carrega o *status* de língua marginal ou língua de minorias (ALTENHOFEN, 1998, p. 21).

Fica por conta da língua portuguesa o *status* de língua-padrão, língua oficial ou língua majoritária. Com o período da Nacionalização da Era Vargas, a visão monolíngue sufocou ainda mais as línguas minoritárias. O desmanche da diversidade e consequente “monolingualização” levou a uma perda linguística considerável, a qual merece ser lembrada toda vez que se fala nas línguas em extinção no Brasil. No entanto há ainda a possibilidade de cuidar e valorizar o que ainda restou em termos de línguas minoritárias de imigração.

A língua dos imigrantes boêmios foi perdendo espaço na comunidade devido à força da língua hunsriqueana (ao lado do português), a qual teve um grupo de falantes bem mais significativo na região. O pequeno grupo de famílias de imigrantes boêmios foi cercado por famílias hunsriqueanas, o que também foi um fator importante para a substituição da língua boêmia pela língua de maior uso nesse território.<sup>12</sup>

A vivência no contexto linguístico de Paverama, que serve de base a este TCC, serve de hipótese para afirmar de que os imigrantes boêmios ainda são um grupo de falantes ativos, porém muito reduzido, e que o uso da língua se restringe apenas à geração mais velha. Evidentemente, esta constatação carece ainda de um estudo sistemático e controlado, por meio de uma comprovação empírica mais precisa.

Como veremos no quadro abaixo, a língua dos imigrantes boêmios (inserida no grupo das variedades de língua alemã) está entre doze variedades diferentes, das quais cada uma tem suas peculiaridades no contínuo linguístico. Neste contínuo elas se diferenciam conforme o grau de dialetalidade. Conforme vimos na tabela adaptada de Bellmann (1983

---

<sup>12</sup> Entendido como área geofísica em que se delimita a análise (cf. ALTENHOFEN, 2014a).

apud LENZ 2005) e através de testes com alguns exemplos de palavras entre a variedade linguística boêmia e hunsriqueana, observa-se que a variedade dos imigrantes boêmios está mais próxima do eixo de maior dialetalidade.

Quanto mais distante uma variedade de fala se encontra em comparação à língua considerada *standard* ou padrão, menos *status* ela terá por parte da sociedade brasileira atual. Não é por acaso que as línguas de imigração ainda são consideradas “línguas de colonos”, pois representam um grupo reduzido que vai se adaptando conforme seu meio. Essa “adaptação da língua”, por parte de seus falantes em um novo meio, causa o que chamamos popularmente de “mistura de línguas” (*Sprachmischung*), como veremos melhor na próxima parte deste capítulo.

Somando-se ao grupo das treze variedades de língua alemã identificadas no Brasil, temos ainda os seguintes grupos de imigrantes: italiano, eslavo, chinês, japonês, judeu, ciganos, imigrantes fronteiriços e crioulos, além de outros grupos. Reunindo todas as variedades destes diferentes grupos tem-se contabilizado e identificado um total de 56 línguas de imigração no Brasil, segundo Altenhofen (2013a, p. 106), como podemos verificar no quadro abaixo:

<b>Grupo Alemão</b>		31. Minnan, Taiwanês
1. Alemão, Hochdeutsch		32. Wu, Xangainês
2. Austríaco		<b>Grupo Japonês</b>
3. Bávaro		33. Japonês: <i>kansai-ben</i> (variedades da região <u>ocidental</u> do Japão)
4. Boêmio (†)		34. Japonês: <i>kantô-ben</i> (variedades da região <u>oriental</u> do Japão)
5. Bucovino		35. Japonês: <i>koronia-go</i> (“mescla linguística português-japonês”)
6. Hunsrückisch, Hunsrick, Hunsbucklisch ou hunsriqueano		<b>Grupo Judeu</b>
7. Kaffee flickersch (pt. língua de catador de café)		36. Hebraico
8. Plautdietsch menonita		37. Ídiche
9. Pomerano		<b>Grupo Cigano</b>
10. Suábio		38. Roma
11. Suíço		39. Sinti
12. Vestfaliano, Plattdüütsch ou sapato-de-pau		<b>Grupos Imigrantes Fronteiriços</b>
13. Wolgadeutsch, alemão do Wolga, russo-alemão		40. Aimara
<b>Grupo Italiano</b>		41. Espanhol
14. Bergamasco		42. Guarani
15. Calabrês		43. Quechua
16. Cimbro (†)		<b>Grupo Imigrante Crioulo</b>
17. Cremonês		44. Crioulo da Ilha Samaracá
18. Friulano		
19. Milanês		
20. Veronês		
21. Vicentino		

22. Talian, Vêneto Rio-Grandense	45. Crioulo de Cabo Verde
23. Trentino	46. Crioulo galibi marworno
24. Trevisano	47. Crioulo karipuna
<b>Grupo Esloavo</b>	<b>Demais Grupos</b>
25. Polonês (1869/1890)	48. Árabe
26. Russo	49. Armênio
27. Ucrâniano	50. Coreano
<b>Grupo Chinês</b>	51. Francês
28. Cantonês (yue)	52. Grego
29. Chinês-padrão, Putonghua	53. Holandês
30. Keja, Hakka	54. Húngaro
	55. Leto ou Letão
	56. Sueco

**Tab. 03:** Lista de línguas brasileiras de imigração, presentes no espaço brasileiro, de acordo com Altenhofen (2013a, p. 106).

Ainda não se sabe ao certo se os falantes dos imigrantes boêmios no município de Paverama são os últimos representantes dessa língua no Brasil. Como se vê no quadro de Altenhofen (2013a), essa língua de imigração vem acompanhada da observação (†), pois já foi considerada “língua morta”. Espera-se que este tenha sido apenas um equívoco momentâneo e ainda se encontre falantes dessa língua de imigração originariamente trazida da Boêmia com suas bases dialetais bávaras. A partir do seu registro e documentação em futuras pesquisas, será possível ter um diagnóstico mais preciso. Em algumas regiões, como é o caso de Venâncio Aires, os falantes de boêmio perderam parte do domínio da língua em função de outras línguas majoritárias e ficaram cada vez mais fragilizados pela falta de falantes ativos (VOGT, 2005).

### 1.1.5 Espaços de ocupação de línguas minoritárias (ilhas linguísticas e territorialidades)

Para entendermos melhor a ocupação de espaços por diferentes grupos migratórios em Paverama, necessitamos esclarecer o que é um território e o que se entende por territorialidades. Altenhofen (2014a, p. 73) entende que o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística é o que se denomina de *territorialidade*. No entanto, *território* é um termo que representa a base físico-geográfica, área onde se constituem diferentes territorialidades. Já o ato de ocupar territórios e de definir essas territorialidades no local seria a *territorialização*.

Inicialmente, o território ao sul de Paverama (em Morro Bonito) era ocupado por indígenas. Supõe-se que eram índios Patos, os quais habitavam as margens do Rio Taquari.

O local foi visitado pela autora deste estudo com a escola de ensino infantil de Santa Manoela onde estudava na época e teve a oportunidade de ver um cenário da maneira como foi descrito no *site* do IBGE<sup>13</sup> (*Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*): “Há em Morro Bonito uma gruta com curiosos e numerosos desenhos gravados em disposição sistemática nas lajes duras de arenito dando impressão de um mapa de aldeamento primitivo (...)”. “Foram achados restos de cerâmica de utensílios indígenas e uma machadinha de pedra”, dos quais a autora apenas ouviu comentários. Como não há museu no município, não se sabe ao certo onde estão esses objetos. Atualmente, a área foi tomada pelo mato e assim se silencia mais uma história de minorias.

Neste contexto, o português se sobrepôs às territorialidades indígenas e foi expulsando o grupo pioneiro daquele território. Segundo Marques (2010), o grupo que territorializou a região sul foram os açorianos oriundos de Taquari. Eles fixaram território e, atualmente, continuam vivendo em contato com as comunidades das línguas de imigração boêmia e hunsriqueana.

No mesmo *site* do IBGE, consta que, no lado nordeste de Paverama (nas localidades de Santa Manoela e Morro Azul), ocorreu a colonização por parte dos alemães oriundos entre 1860 e 1875 de São Leopoldo (as chamadas Colônias Velhas).

As pesquisas de Wallauer (2013) também atestam sobre a existência de alemães-russos em Paverama, além da comunidade de imigrantes boêmios ao norte do município (cf. o mapa da fig. 06). Os boêmios viveram por um tempo em uma espécie de ilha linguística. Eles foram cercados pelos hunsriqueanos e incorporaram a variedade dialetal com variedade da maioria, o Hunsrückisch. Porém, os encontros de todos os diferentes grupos linguísticos aconteciam no centro do núcleo urbano, no qual se sobressaiu a língua considerada ainda mais formal, o português.

---

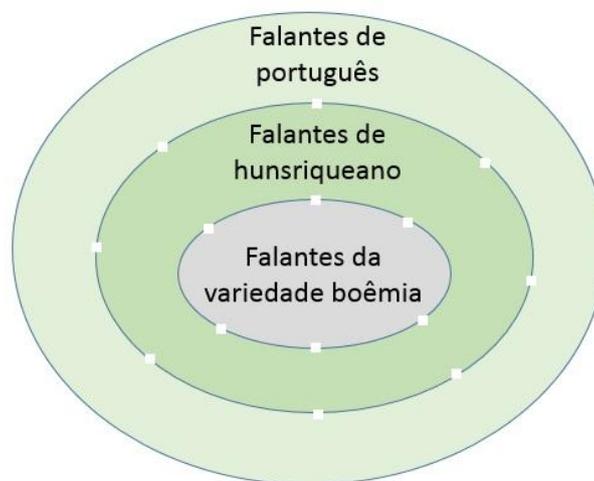
<sup>13</sup> Disponível em :

< <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=431415&search=||infogr%EFicos:-hist%F3rico>> Acesso em 12/12/2014.



No entanto, torna-se ainda mais difícil definir o que é ilha linguística quando temos uma comunidade que compartilha várias línguas. Talvez poderíamos definir esse caso de “ilha dialetal” (RIEHL, 2010), lugar onde vários dialetos da mesma origem genética se encontram e são falados no cotidiano.

Para visualizar melhor o fenômeno linguístico a que me refiro em meu estudo, elaborei abaixo uma imagem a partir do que entendi sobre as ideias expostas por Riehl referentes à ilha linguística.



**Fig. 07:** Esquema elaborado pela autora deste estudo para representar a situação linguística dos boêmios da comunidade de Linha Brasil, Paverama/RS.

Os falantes boêmios sempre foram minoria na comunidade em estudo, por isso, surge a necessidade de falar uma língua majoritária. Como podemos visualizar na imagem acima, tem-se, inicialmente, a língua hunsriqueana como língua majoritária, processo que também ocorreu com os vestfalianos (cf. HORST, 2014). Já em locais mais urbanizados, como no comércio e na escola, a língua portuguesa assumiu o papel de língua majoritária para as duas variedades dialetais. Sustento que se configura em Paverama uma ilha linguística com territorialidades de uso da variedade boêmia (uso restrito, em regressão, mais centrado em Linha Brasil) e hunsriqueana (dominante no entorno, ao lado do português).

Com os anos de convívio na comunidade, observei com frequência que os falantes do boêmio não conseguiram manter a sua língua e assimilaram-se linguisticamente e

geograficamente com os hunsriqueanos. A comunidade ou ‘ilha dialetal’ que ali se formou entre hunsriqueanos e boêmios não vive isolada, nem fechada para outros contextos, tanto que surgem cada vez mais casamentos interétnicos, sendo crescente a saída da população jovem para as grandes cidades em busca de trabalho e ensino superior. O termo *ilha difusa* (HORST, 2014) também poderia ser utilizado no caso dos imigrantes boêmios, pois o português está ocupando grandes proporções a partir de argumentos de ordem ideológica de que brasileiros (alemães ou boêmios nascidos no Brasil) devem obrigatoriamente se adaptar e falar a língua portuguesa.

## **1.2 Dinâmica dos contatos linguísticos**

### **1.2.1 Línguas e variedades: o que entra em contato?**

A discussão sobre contatos linguísticos na sociolinguística ainda precisa avançar muito quando falamos dos contatos no Brasil. Estamos inseridos na região sul em meio a um sistema multilíngue de contatos de variedades de línguas minoritárias bastante complexo. Para analisar essa questão dos contatos com mais cuidado recorreremos à metodologia da Dialetoлогия Pluridimensional e Contatual (THUN, 1998).

Os estudos e as análises da dialetologia e sociolinguística inovaram e atualizaram a configuração dos contatos linguísticos tendo em vista o contato de línguas como um sistema pouco homogêneo, o qual muda constantemente conforme o passar do tempo. Thun (2010, p. 706) propõe, neste caso, “analisar a configuração de contatos como uma aproximação de dois ou mais complexos de variedades”.

No quadro abaixo, Thun (2010) demonstra a complexidade dos contatos linguísticos entre variedades do português falado em ambos os lados da fronteira do Brasil com o Uruguai.

Tab. 39.1: A schematic overview of the variety complexes entering into contact

Spanish	Fronterizos		Portuguese
Uruguayan Spanish			Brazilian Standard ("língua padrão")
Uruguayan Popular Substandard	Uruguayan Fronterizo (1. Proximate zone) (2. Remote zone)	Brazilian Fronterizo	Brazilian Popular Substandard
Uruguayan Rural Substandard			Riograndense Substandard

**Tab. 04:** Visão geral dos complexos variacionais em contato na fronteira Brasil-Uruguaí, conforme Thun (2010, p. 708).

Observa-se, no lado esquerdo da tabela, que Thun tenta chamar a atenção para três variedades do espanhol, enquanto, no lado direito, identifica três variedades da língua portuguesa. Sabendo que essas variedades da língua portuguesa entram em contato com as variedades de línguas da fronteira do Uruguai, também podemos entender que essas variedades entram em contato com as línguas de imigração presentes nestes territórios. Focando a nossa discussão nos contatos linguísticos do português brasileiro padrão *standard*, do português brasileiro *substandard* e do português rio-grandense *substandard* com as variedades do hunsriqueano e do boêmio, temos um sistema ainda mais complexo, visto que nos confrontamos com línguas com uma origem e características diferentes.

Esse quadro evidencia que os contatos são inerentes às diferentes comunidades de fala. Além disso, é preciso considerar que os falantes boêmios passaram por um nivelamento linguístico devido à sua inserção nas comunidades hunsriqueanas. Neste quesito, o ensino também foi fundamental, pois o hunsriqueano era visto como uma variedade mais próxima do alemão padrão local das escolas. As festas de comunidades e o comércio de trocas e vendas igualmente impulsionaram esses contatos.

Assim como o hunsriqueano, dominante nos inícios da imigração, o português falado nas suas diferentes variedades vem ampliando seus espaços na localidade, especialmente com a urbanização crescente. Esses contatos se tornaram possíveis inicialmente por meio do rádio e mais tarde através da televisão. Atualmente, a língua portuguesa está fortemente inserida nas comunidades boêmias e hunsriqueanas por meio do aprendizado da língua portuguesa formal nas escolas.

## **1.2.2 Processos e variedades decorrentes de contatos linguísticos:**

### **1.2.2.1 Nivelamento linguístico (*Sprachausgleich*) e coineização**

Um dos processos decorrentes dos contatos linguísticos é o surgimento de uma nova variedade de fala que também pode ser denominada de *coiné*. Esse processo surge através de um nivelamento linguístico entre variedades dialetais que tenham uma base parecida. Por meio desse nivelamento de variedades linguísticas os falantes de diferentes comunidades de fala (boêmios, vestfalianos e hunsriqueanos) conseguem se comunicar utilizando essa língua de comunicação comum e compreensível entre todos.

Conforme Engelmann (1910, p. 203 *apud* GILLES, 2000), *coiné* é uma língua comum de comunicação coloquial (*Umgangssprache*). Gilles define uma das variedades dos dialetos regionais de Luxemburgo como *coiné*, pois ela já se estabeleceu como língua do cotidiano ao lado das línguas padronizadas (alemão e francês).

O processo de coineização, ou seja, da mistura de marcas linguísticas regionais ou de dialetos distintos em contato, ocorreu com o hunsriqueano. Por suas características, maior proximidade do standard, origem intermediária entre o standard e o baixo-alemão, bem como um número bastante representativo de falantes, o hunsriqueano logo assumiu a função de língua comum de intercomunicação entre os diferentes grupos regionais de imigração alemã. No contato entre os falantes do boêmio e do hunsriqueano, esse processo de nivelamento linguístico, pode-se hipotetizar, deixou marcas específicas na configuração do hunsriqueano que podem revelar aspectos característicos do boêmio, que no entanto não comprometem a comunicação nos encontros de amigos ou em reuniões informais da comunidade. Mas esta é uma tarefa de pesquisa que com a qual iremos nos ocupar, em projetos futuros.

### **1.2.2.2 Bilinguismo e diglossia**

Falar em línguas no Brasil sempre nos remete ao termo *bilinguismo*, ou ainda, ao contato de uma língua com outras. Mackey (1972) define o bilinguismo como sendo um conceito que envolve a habilidade de utilizar duas línguas. No entanto, no contexto de contatos linguísticos dos imigrantes boêmios me parece mais adequado falar em trilinguismo ou em plurilinguismo.

Em Paverama, há falantes que se comunicam nas duas línguas minoritárias (hunsriqueano e boêmio), além de escreverem, falarem e compreenderem o português. Com isso, registram-se diferentes situações de contato entre as línguas e, conseqüentemente, uma série de processos linguísticos comuns nesses contextos, tais como a ocorrência de *code-switching* e *code mixing*, como veremos mais abaixo.

Um fenômeno muito próximo, embora diferente do bilinguismo, é o que se designa como *diglossia* (FERGUSON, 1959). Para Ferguson (1959, p. 249), a diglossia ocorre na diferenciação/funcionalização do uso da fala e da escrita de duas variedades distintas dentro de uma mesma língua: uma variedade alta (A) e uma variedade baixa (B). Enquanto a variedade A é mais formal e aparece na literatura, em sermões na igreja, em discursos políticos e nas mídias, além de ter um modelo de escrita, a variedade B envolve a informalidade, as conversas livres entre amigos, familiares, sem uma sistematização mais clara.

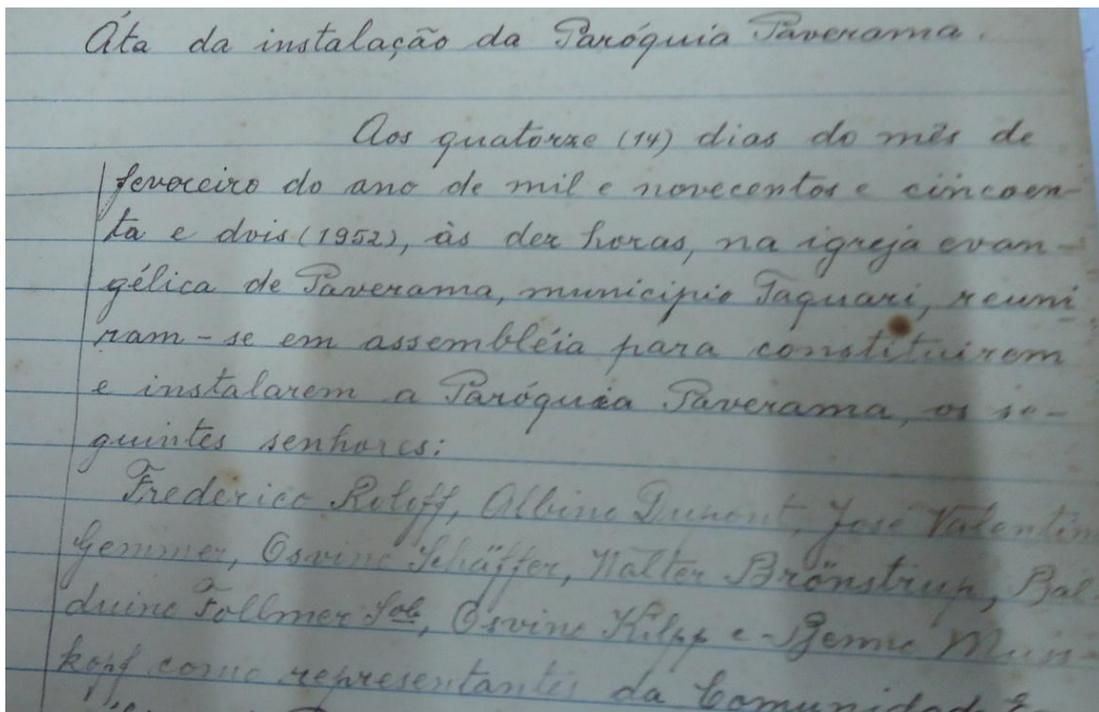
A diglossia também envolve o fator <prestígio da variedade A> que é considerada verdadeira ou correta em função da educação formal e da tradição gramatical. No entanto, segundo o autor, a diglossia é aceita e não é considerada um problema na comunidade, devido aos seguintes fatores: *a)* maior capacidade de ler e escrever, *b)* necessidade de comunicação entre diferentes setores regionais e sociais, e por fim, *c)* o desejo de uma língua *standard* “nacional” como atributo de autonomia e soberania.

Sabemos que na comunidade de falantes boêmios e hunsriqueanos havia esse tipo de funcionalização de variedades, reservando o uso da língua alemã padrão considerada mais *standard* para registros escritos, leituras e cantos (cf. fig. 08 abaixo). Tanto para a variedade do boêmio, quanto para a do hunsriqueano, tivemos o alemão padrão local como sendo mais formal, enquanto o uso das variedades *substandard* (boêmio e hunsriqueano) se restringiam ao contexto familiar, considerado mais informal. Atualmente, sabemos que o português assumiu o papel de língua *standard* para essas duas variedades de falantes de línguas minoritárias, como mostra a fig. 09.

## Protokol der Versammlung vom 12. Juli 1936

Erstens durch Verspätung des Schriftführers wurden die 2 jahresbeiträge  
einkassiert. 2. wurden an Herrn Leopold Schneider 150,- m bezahlt  
für Kirchenreinigung des 1. Semesters, an Herrn Alfred Gasting 100,- m  
für Kirchenreinigung bezahlt für das Jahr 1935. An Herrn  
Alexander Zimmermann wurden 70,- m Finsen bezahlt für  
Herrn Alfred Gasting wurden 130,- m Finsen bezahlt u. für Heinrich  
Wessel wurden 20,- m Finsen bezahlt für 1936.  
3. soll hier im Protokol vom 12. Juli auch eingetragen werden  
das Taufgerät Abendmahlgerät vorhanden sind von denen in  
der vorigen Versammlung bestimmt ist geworden. Es soll bestellt  
werden: Also Taufbäcken u. Abendmahl-Kanne kosteten 129,- m  
Zu bemerken ist, das der Abendmahl-Kelch vom Herrn Rudolf  
Tischer als Geschenk der Gemeinde verehrt wurde dieser im  
Betrag von 70,- m! Dieses Geschenk vom Herrn Rudolf Tischer  
wird ein abseits Erinnerung, nicht nur für actual (heute)  
sondern für immer sein! Dafür dankt die gesamte Ge-

**Fig. 08:** Ata de reunião realizada na Igreja Evangélica (IELCB) de Paverama. A escrita da língua alemã padrão permaneceu até meados de 1950 como a língua mais *standard*.



**Fig. 09:** Após 1950 a escrita da língua alemã foi substituída nos documentos pela língua portuguesa. Típico processo de substituição da língua-teto (*Dachsprachenwechsel*).

A diglossia de Fishman (1967 *apud* HEYE, 2006) classifica, primeiramente, situações de bilinguismo em que uma língua estrangeira serve para a função mais *standard* e uma variedade local serviria para a função B [menos *standard*]. Essa situação serviria tanto para explicar o bilinguismo entre hunsriqueanos, como o bilinguismo entre os boêmios, pois ambos faziam o uso do alemão padrão local para as situações mais formais. A segunda classificação de Fishman iria ao encontro das perspectivas de Ferguson quando se fala em sociedades monolíngues. Neste caso a mesma língua teria duas variedades, uma servindo para as funções *standard* e a outra variedade para as funções *substandard*.

### 1.2.2.3 Code switching e code mixing

Encontrar uma definição para os fenômenos de *code switching* e *code mixing* não é uma tarefa fácil, visto os vários autores que escreveram sobre o tema, mas não o definiram com exatidão. Segundo Auer (1999), entende-se *code switching* como um processo de mudança linguística, ou seja, alternância de código, que acontece em conversas de grupos bilíngues ou multilíngues. Em grupos bilíngues, tem-se uma língua majoritária e a outra língua, a minoritária, a qual pode interferir a qualquer momento na fala dos indivíduos.

Acredita-se de que a necessidade possa causar a ocorrência de *code switching*, por exemplo, se um falante de boêmio ou do hunsriqueano não se lembrar da palavra “saudade” em alemão, ele tende a utilizar esse código em português e o restante da fala deve ocorrer na variedade alemã. Outro exemplo típico seria o vocabulário novo que os filhos de pais bilíngues aprendem no contexto escolar e passam a utilizar em português nas conversas do contexto familiar.

O termo *code mixing* é resumido por Auer (1999, p. 312) como o uso das práticas variacionais de dois ou mais códigos pelos usuários e que tenha um sentido social ou global, por exemplo, o código linguístico de um grupo. Para facilitar o entendimento desse fenômeno podemos transferir para o contexto em que os pais falam uma língua diferente em situações especiais em que seus filhos não deveriam participar da conversa.

Porto (2007, p. 1) diferencia as alternâncias de monolíngues da dos bilíngues. Um indivíduo monolíngue teria “diversas variantes”, seja registro ou estilo de fala, para selecionar, ao iniciar uma conversa. Já os bilíngues poderiam não só alternar entre as variantes, assim como também “alternar entre códigos ou mesmo misturá-los na interação, criando, deste modo, enunciados híbridos no processo denominado *code switching*”.

#### **1.2.2.4 Substituição da língua-teto (*Dachsprachenwechsel*)**

Outro processo decorrente do contato linguístico alemão-português é a substituição da língua-teto, em alemão ‘*Dachsprachenwechsel*’. Esse é um estágio inicial de perda linguística, ou seja, a língua *standard*, no caso o Hdt, é substituída por outra, no caso o Pt, na função de língua escrita para as funções formais. Durante anos, o acesso ao ensino de alemão na escola e a uma imprensa em língua alemã garantiu ao alemão *standard* local dar conta das funções de uma língua-teto, sendo ensinada nas escolas e usada para celebrar cultos e escrever atas; com o declínio da competência nesse alemão escrito (*Schriftsprache*), o português, cada vez mais dominante como língua da escola e da administração, tomou esse lugar, como podemos ver na fig. 9 acima.

Sem dúvida, o período do Estado Novo (1930-1945), da Era de Vargas, que fechou escolas de língua alemã e proibiu o uso da língua de origem diferente do português, foi determinante nessa substituição da língua-teto. Apesar disso, há muitos fatores a considerar nesse processo. A proximidade com grandes centros urbanos, por exemplo, aumenta o uso

da língua majoritária considerada padrão, que é o caso do português. Os grupos de falantes de boêmios e hunsriqueanos que constituem os usuários principais da variedade minoritária são, não por acaso, a população rural. Mesmo assim, a comunicação com os centros urbanos, por razões diversas, cumpre sua função. Geralmente, a geração mais velha vai acompanhada de seus filhos, ou seja, da geração mais nova pelo fato de dominarem bem mais a língua-teto, a mais utilizada em centros urbanos e comerciais.

#### **1.2.2.5 Substituição linguística (*language shift*)**

O processo de substituição linguística (*language shift*) – consequentemente, de perda ou mortandade da língua minoritária – é só mais um fenômeno, entre tantos outros acima citados, presente em contextos multilíngues e de contatos linguísticos. Existem vários fatores que colaboram para que a substituição linguística aconteça. O fator geral questionado por Altenhofen (2014a) é o *status* sócio-político de uma língua na sociedade. As línguas de grupos minoritários, como é o caso dos falantes boêmios, vestfalianos e hunsriqueanos possuem via de regra um *status* de língua periférica ou marginal, se comparadas com a língua oficial do Brasil, o português.

No entanto, entre as mais diversas variedades da língua alemã que entraram em contato, o hunsriqueano impôs-se como língua comum dominante na comunicação dos diferentes grupos regionais de imigração alemã (ALTENHOFEN, 2014a, p. 86). Como grupos menores, restritos a determinadas territorialidades, as demais variedades acima citadas tiveram uma substituição, em certo sentido, mais acelerada.

Por muito tempo, qualquer comunidade que cultuava suas tradições e que tentava preservar sua identidade através da língua de origem era interpretada como “fator de ameaça ao estado nacional” (MORELLO, 2012a *apud* ALTENHOFEN e MORELLO, 2013, p. 25). Após tantas perdas linguísticas irreparáveis apresentam-se, conforme já foi explicitado acima, novas perspectivas no que diz respeito à revitalização de línguas brasileiras de imigração por meio das políticas linguísticas como o INDL (Inventário Nacional da Diversidade Linguística). Porém, a participação ativa das comunidades de fala é de fundamental importância para que as políticas linguísticas consigam agir no quesito de salvaguardar as línguas que estão em perigo de extinção.

## Capítulo II

### APARELHANDO A PESQUISA: DESAFIOS À METODOLOGIA

#### 2.1 Princípio da pluridimensionalidade da análise da variação e mudança linguística

No presente estudo, buscamos delinear linhas gerais sobre os contatos linguísticos. A complexidade desses contextos exige também uma base teórico-metodológica vigorosa para dar conta das múltiplas implicações observadas. A geolinguística pluridimensional e relacional (THUN, 1998) tem oferecido ferramentas e estratégias muito eficazes, conforme mostram os diferentes estudos que vêm sendo desenvolvidos nessa perspectiva (cf. BARROS, 2014; FIGUEIREDO, 2014; GEWEHR-BORELLA, 2014; HORST, 2014). Compreender bem o método pluridimensional será fundamental para as entrevistas futuras com falantes dessas variedades, que coloca novos desafios. Um ponto de partida essencial é conhecer as especificidades de cada dimensão, como mostra a tab. 05 abaixo.

Dimensão	Parâmetro	Critério
diatópica	topostática (informante com domicílio fixo)	Pontos de inquérito do ALMA-H
diatópica-cinética	topodinâmica (domicílio fixo e mobilidade espacial)	Relação entre colônias velhas e novas
diatrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (formação superior parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais nova)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
diagenérica	homens vs. Mulheres	
dialingual	hunsriqueano vs. português vs. alemão-padrão	Complementada com dados dos atlas linguísticos (ALERS e ALiB)
diafásica	respostas ao questionário vs. leitura vs. conversa livre	Três estilos de uso da língua
diarreferencial	língua-objeto vs. metalíngua	Técnica da entrevista: perguntar-insistir-sugerir
diarreligiosa	católico vs. evangélico-luterano	

**Tab 05:** Quadro geral das dimensões de análise utilizadas no projeto ALMA-H

(cf. ALTENHOFEN, 2014b, p. 02).

Evidentemente, este quadro não é uma receita fechada que se deva seguir à risca. Cada contexto é que determina, na verdade, o perfil e as dimensões pertinentes. Por meio de um pré-levantamento realizado em Paverama, constatamos por exemplo que os poucos falantes da variedade linguística dos boêmios são da geração mais velha (GII), e, até o

momento, ainda não conseguimos identificar nenhum informante da geração mais nova (GI). Mesmo assim, a dimensão diageracional tem sua relevância capital, pois se não encontramos falantes jovens com uso ativo da variedade boêmia, isso não significa que não possamos medir reminiscências dessa variedade no nível do conhecimento passivo. No mínimo, são indicativos sobre uma língua que estava ali e que, hoje, ainda se encontra na memória dos membros da comunidade, mesmo os mais jovens.

Na dimensão diassexual ou diagenérica, identificamos apenas 03 homens e 01 mulher que ainda fazem uso ativo da variedade de fala boêmia.

A dimensão diastrática (Cb = classe [socioculturalmente] baixa) nos leva a refletir sobre a linguística monodimensional do “*rural old men*” (TRUDGILL, 1983), na qual se analisa apenas a variedade da língua falada na zona rural e por pessoas com pouca escolaridade e da geração mais velha. Por meio de conversas com representantes das comunidades (Linha Brasil, Santa Manoela e Centro) chegamos à conclusão de que essa variedade ainda existe porque não sofreu muito com os contatos linguísticos diários do Centro, que é mais urbanizado. Neste caso, a zona rural, por ser mais isolada, ajudou a preservar, pelo menos em parte, a variedade boêmia.

Algumas saídas a campo foram realizadas para fins de fotografar e coletar dados, além de (re)vivenciar a história contada pela comunidade local. Inicialmente, fotografamos resquícios da história dos imigrantes boêmios em lápides de cemitérios de Linha Brasil (*Österreich*), Santa Manoela (*Russland*), Centro de Paverama e, por fim, no primeiro e mais antigo cemitério dos boêmios em Linha Brasil, nas proximidades da Linha Germana Fundos, Teutônia, RS. As mensagens grafadas em lápides na língua alemã também foram registradas com a finalidade de trabalhos futuros.

Segundo os comentários de integrantes da comunidade e da literatura (UMANN, 1997) descobriu-se de que as famílias de origem boêmia seriam todas católicas. Esse seria um desafio para a dimensão diarreligiosa, pois também constatamos a veracidade desse dado ao visitar os cemitérios católico e evangélico-luterano do local.

No Centro de Paverama, foi feita uma análise nos documentos disponibilizados pela Casa Paroquial Evangélica (onde também existe o cemitério evangélico), os quais puderam esclarecer um pouco melhor a história da localidade. Sobre os imigrantes boêmios não constava nada nos documentos da igreja luterana. Nos registros de batismo e de óbito,

pode-se acompanhar a mudança do nome da localidade: até o ano de 1942, a cidade era denominada de Arroio Grande, mais tarde de Concórdia e, a partir de 1945, de Paverama (nome que remete às origens indígenas: *Pave-* ‘de todos’ e *Retame* ou *-rama*, ‘terra pátria, a terra de todos’). Além disso, foram analisados alguns documentos que foram disponibilizados pelo cartório da cidade e, por fim, adquirimos livros sobre a história local desses imigrantes. Por motivos de tempo e horários muito restritos, não foi possível analisar os documentos da igreja católica para o TCC, mas ainda se pretende fazer esse levantamento na sequência do trabalho.

A aplicação do quadro da dialetologia pluridimensional deve levar em conta, portanto, as especificidades do grupo de falantes boêmios, presente ainda em outras comunidades, como, por exemplo, em Linha Brasil e Linha Imperial, em Nova Petrópolis/RS (ver cap. 3). Sabemos que será necessário enfrentar os desafios que a metodologia pluridimensional irá nos apresentar para, ao menos, fazer o registro dos resquícios das variedades linguísticas faladas pelos boêmios na região sul do Brasil.

### **2.1.1 Dimensões interindividuais**

No modelo da dialetologia pluridimensional separa-se as dimensões de análise em inter- e intraindividuais (THUN, 1996; 2005). As dimensões interindividuais referem-se especialmente ao perfil dos informantes e abrangem as seguintes dimensões de análise: a dimensão diatópica, diatópico-cinética (que engloba a topostática e a topodinâmica), a diastrática, a diageracional e a diagenérica (diassexual).

A análise da variação linguística nessas diferentes dimensões, entre diferentes indivíduos, nos fornece dados bastante específicos e nos permite entender melhor o estado atual de determinada língua ou variedade de fala. A comparação de dados entre diferentes gerações (dimensão diageracional) pode indicar uma mudança linguística em curso.

Segundo Thun (2005, p. 117-118), as dimensões servem às mais variadas situações de variação linguística e podem ser adaptadas conforme o contexto de estudo de cada pesquisador. Nem sempre o informante está apto para realizar a leitura exigida na dimensão diafásica e, neste caso, o entrevistador deve adaptar sua entrevista somente para as modalidades da conversa livre e das respostas ao questionário.

A análise em determinada dimensão pode interferir nas comparações entre diferentes pontos de pesquisa, ou seja, na dimensão diatópica. Mesmo assim, os entrevistadores não podem interferir na livre espontaneidade de cada informante, além de não fazerem o mau uso de dados coletados e de terem o cuidado para não expô-lo de forma indevida. Os informantes são selecionados previamente e, em muitos casos, assinam um formulário para oficializar a participação livre e espontânea nas entrevistas.

### **2.1.2 Dimensões intraindividuais**

A dimensão intraindividual se refere aos parâmetros variacionais das dimensões dialingual (conhecimentos e uso de *Böhmisch* vs. *Hunsrückisch* pelo mesmo indivíduo), diafásica (respostas ao questionário e conversa livre) e diarreferencial (língua-objeto vs. Metalíngua). Para fomentar comentários metalinguísticos que revelem atitudes e percepções sobre variantes linguísticas, utiliza-se no projeto ALMA-H a técnica das respostas em três tempos: 1º) resposta espontânea, 2º) insistência e 3º) sugestão (cf. ALTENHOFEN, 2013b).

Thun (2005, p. 116) afirma que, por motivos de um trabalho mais econômico, são realizadas entrevistas individuais em um único estilo por alguns pesquisadores. Devemos entender e aceitar que a variação diarreferencial nos permite amplas análises e interpretações do comportamento linguístico dos falantes. Na maioria das vezes, os informantes conhecem mais de uma variável para determinada palavra, mas eles só se lembram de falar essas variáveis quando o entrevistador insiste em obter mais de uma resposta. Em último caso, sugerir uma resposta também pode ser válido, pois isso indica se esse informante possui ou não um conhecimento passivo do assunto.

### **2.2 Instrumentos de obtenção dos dados**

Quando se pretende coletar dados confiáveis em um trabalho de campo para qualquer estudo científico, precisa-se de instrumentos e materiais adequados para a pesquisa a ser elaborada sem maiores limitações. Inicialmente, devemos ter um roteiro que possibilite uma sequência nos trabalhos. E para analisar a língua em vários níveis linguísticos, podemos adaptar um questionário resguardando a finalidade comparativa dos dados.

No contexto dos imigrantes boêmios, por exemplo, o questionário do ALMA-H fornece uma base de partida essencial, a qual também pode ser útil para a realização de entrevistas com falantes do bávaro (Ba), imigrantes encontrados em Santa Catarina (SEIFFERT, 2009), e do bucovino (Bu), imigrantes de língua minoritária do Paraná (CELESTINO, 2002). Esses três grupos de línguas minoritárias da Região Sul do Brasil devem constar na elaboração de um futuro ALMA-B's, um Atlas Linguístico-Contatual nos moldes do ALMA-H, porém voltado para o estudo das variedades de base dialetal bávara (Bo, Ba e Bu). Esse novo questionário a ser desenvolvido em 2015 precisa ter a finalidade comparativa, para que os pesquisadores possam realizar suas análises em comparação com os recentes estudos não apenas do ALMA-H, mas também do Atlas Linguístico da Bavária (*SMF = Sprachatlas von Mittelfranken*). De modo geral, todos os Atlas Linguísticos do Brasil e da Alemanha que possuem as frases de Wenker (*Wenker-Sätze*) podem ser úteis para estudos comparativos entre as línguas.

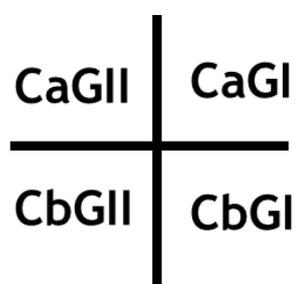
A elaboração deste novo questionário também deve envolver, ao meu ver, questões em português para analisarmos transferências das línguas minoritárias de imigração alemã para o português. Neste quesito, o entrevistador daria a frase em alemão, e o informante devolveria a frase em português. A obtenção de dados nas diferentes línguas do repertório dos falantes entrevistados atende ao propósito da dimensão dialingual e serve de subsídio para a análise e interpretação dos dados de modo geral.

A utilização de equipamentos eletrônicos que garantam excelente qualidade de gravação não pode, igualmente, ser ignorada. Ter acesso ao gravador Fostex do Projeto ALMA-H, que possui dois microfones biconvexos, vai garantir a gravação de várias horas seguidas de uma entrevista e ainda registrar os dados sem ruídos. Para os entrevistadores, torna-se necessário treinar e estudar o melhor uso do aparelho e assim evitar a perda de dados ou o registro dos dados com um áudio não apropriado para uma boa escuta.

Por fim, o entrevistador também deve ter uma máquina fotográfica com boa resolução, a fim de captar várias imagens para registrar a paisagem linguística do entorno dos pontos de pesquisa. Para armazenar os dados em áudio, vídeo e fotografia, serão necessários computadores e HDs com alta capacidade.

### 2.3 Realização das entrevistas: pluralidade de informantes

A experiência das pesquisas do ALMA-H tem demonstrado a pertinência e funcionalidade de realizar entrevistas com pluralidade de informantes (cf. THUN, 1996; 1998). Especialmente a técnica em três tempos se beneficia significativamente com a interação entre informantes. Tem-se, neste caso, a pluralidade simultânea de informantes. Vale lembrar que cada entrevista – em número de quatro por localidade – reúne apenas informantes do mesmo perfil do respectivo grupo de entrevista, conforme mostra a representação em cruz:



**Fig. 10:** Esquema de representação das quatro entrevistas realizadas em cada localidade, conforme Thun (1996, p. 216).

Tem-se, no esquema da cruz, as dimensões diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GI e GII). Sendo que Ca corresponde à classe socioculturalmente alta / com escolaridade superior, e Cb à classe socioculturalmente baixa / escolaridade básica. A GII representa os informantes da geração mais velha, acima dos 55 anos de idade, e a GI corresponde à geração mais jovem, entre 18 e 36 anos de idade.

Em cada quadrante, por exemplo no CbGII, tem-se uma dupla de informantes, preferencialmente homem e mulher. Com essa técnica da pluralidade pode-se atingir em torno de 08 informantes para cada ponto de pesquisa. A escolha dos informantes com as mais diversas características nos proporcionam dados que permitem uma pluralidade de análises linguísticas bem mais ampla do que por um modelo tradicional.

## Capítulo III

### MAPEANDO A PESQUISA

#### 3.1 Comunidades de imigrantes boêmios: rede de pontos

Para localizar as localidades com possíveis comunidades de falantes ou resquícios de fala de imigrantes boêmios, partimos de informações obtidas ao cruzar trabalhos científicos sobre o tema desta pesquisa, além de pesquisar em jornais, na internet e de viagens de campo. Com esse levantamento de dados, listamos os lugares onde ainda existem remanescentes boêmios, porém não sabemos se eles ainda são falantes dessa variedade.

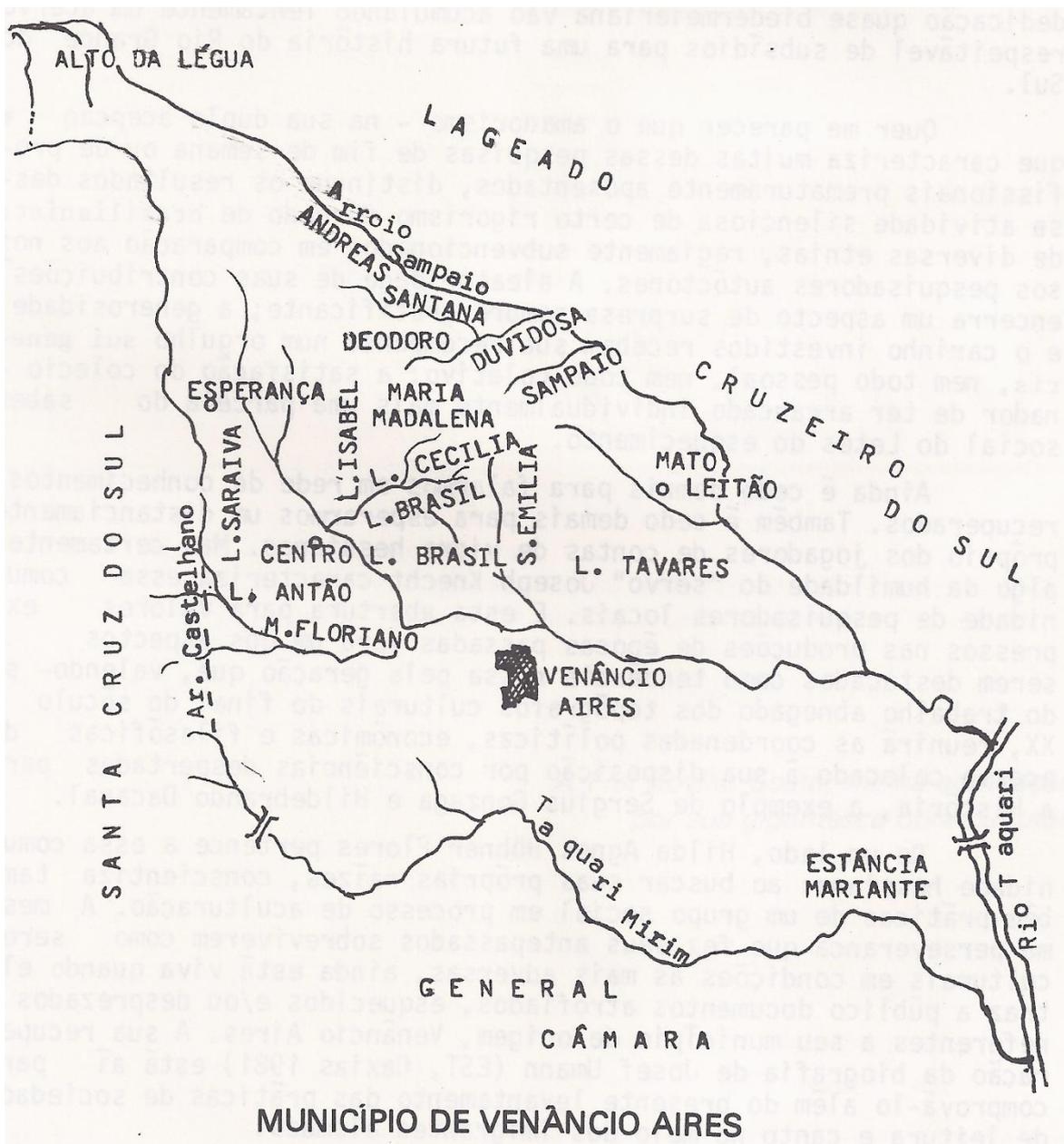
Além da presença já confirmada de imigrantes boêmios em Paverama, sabe-se também da presença de boêmios em Nova Petrópolis, onde existe desde 2008 a “Associação dos Descendentes de Imigrantes da Boêmia”, nas localidades de Linha Brasil e Linha Imperial. Além de Nova Petrópolis ter a cidade de *Gablonz* (República Tcheca) como cidade co-irmã, ainda possui grupos de danças que representam a tradição dos imigrantes boêmios, como o “*Böhmerlandtanzgruppe*” e o “*Sonnenschein*”.

Ao lado da literatura sobre o assunto (AMSTAD, 1999), constituem fonte imprescindível os dados empíricos. Em uma das minhas idas a Nova Petrópolis, visitei o Museu de Alberto Hillebrand que está sob os cuidados de Ovídio Hillebrand. Esse museu abriga a história de várias gerações de imigrantes boêmios e está inserido no roteiro turístico “Alemães do Sul”. Interligado a essa história está o grupo de amigos (*Freundeskreis Sudetenland*) que organiza a “Festa dos Sudetos” (*Sudetenfest*), a qual conta com apoio internacional.

A localidade de Agudo/RS, colônia provincial fundada em 1857, também recebeu um número significativo de imigrantes boêmios. Através da autobiografia de Umann (1997) tem-se a notícia de que existe a Linha Boêmia, loteada na década de 1880 por João Gerdau e o sesmeiro local Antônio Peixoto de Oliveira.

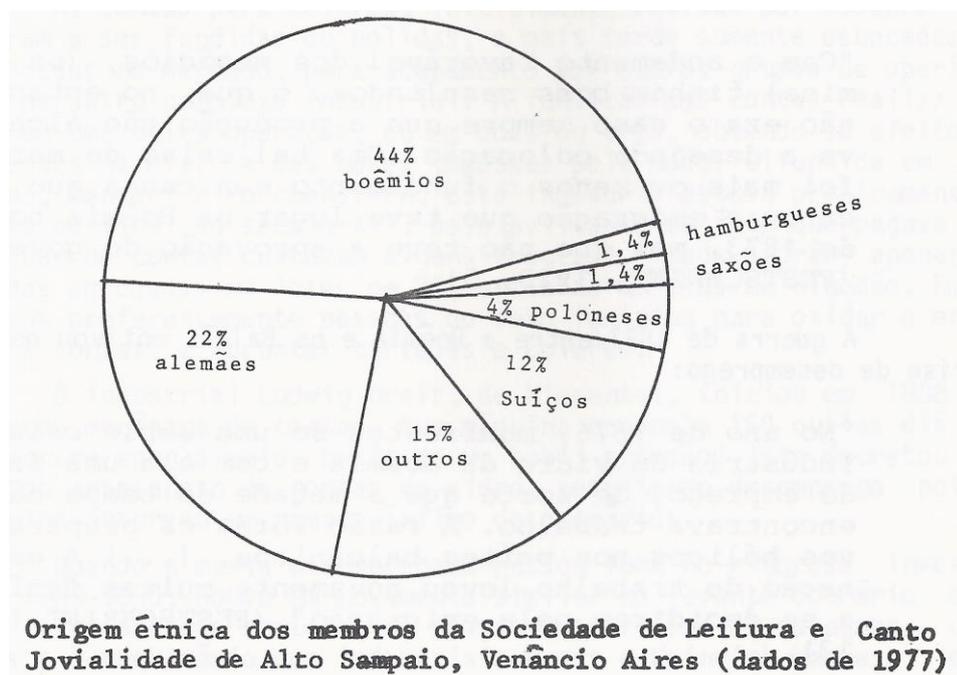
Em Venâncio Aires/RS, tem-se referência conhecida a grupos de boêmios, em sua maioria trabalhadores livres e artesãos, que se estabeleceram em 1874 na Linha Cecília e na Linha Isabel (FLORES, 1981; FINKLER, 1999; UMMAN, 1997; VOGT & SILVEIRA,

2001). Em Venâncio Aires, localiza-se o museu *Heimatmuseum*' (cf. SCHOLLSCHNEIDER, 2013 [e-Book]), que reúne estudos sobre os imigrantes vindos da região norte da Boêmia. Vejamos a fig. 11 abaixo com as principais linhas e localidades da área colonial de Venâncio Aires.



**Fig. 11:** Figura representativa das localidades de Venâncio Aires (FLORES, 1983, p. 06).

No mapa acima, a localidade de Alto Sampaio teria recebido principalmente lapidadores de vidro da Boêmia (FLORES, 1983; HÜBNER, 2010). Em um levantamento de Flores (1983, p. 76 – ver fig. 12 abaixo) sobre a composição étnica dos membros da Sociedade de Leitura e Canto Jovialidade de Alto Sampaio, no ano de 1977, observa-se uma diversidade bastante grande de origens étnicas, sendo os boêmios o grupo majoritário, com 44% como podemos ver na figura abaixo.



**Fig. 12:** Origem étnica dos membros da Sociedade de Alto Sampaio, conforme Flores (1983, p. 76).

Umann (1997) relata que alguns imigrantes boêmios saíram de Venâncio Aires para Conde D'Eu e Campo dos Bugres (hoje Garibaldi e Caxias do Sul). Amstad (1999, p. 98) afirma que houve várias tentativas de povoar a região da serra gaúcha. A primeira ocorreu para ocupar e colonizar Caxias em 1872 com os alemães russos do Volga. Esses não aceitaram o local e foram enviados para a Argentina. A segunda tentativa de colonizar a região da serra foi com um assentamento de 50 famílias da Boêmia, dos quais muitos se dispersaram pela região devido às más condições do solo. Após poucos anos, o Governo Imperial recrutou imigrantes italianos para colonizarem essa região.

Frosi (2000) também menciona esse grupo de imigrantes boêmios. Ela cita a comunidade de Linha Boêmios, a qual pertence ao distrito de Nova Milano (Farroupilha),

situada ao extremo-sul da área de colonização italiana, divisa com o município de Feliz/RS. Segundo a autora, a Linha Boêmios foi assim denominada pelo fato de algumas famílias de boêmios terem fixado moradia naquela localidade. Esse assentamento provocou um contato linguístico direto entre os imigrantes boêmios e italianos.

Uma publicação do Instituto Hans Staden<sup>14</sup> aponta alguns sobrenomes de famílias emigradas da região da Boêmia para o Brasil. O estudo também informa as cidades do Rio Grande do Sul, como Arroio do Meio, Imigrante, Colinas e Crissiumal, onde estes imigrantes boêmios se instalaram e, possivelmente, ainda vivem nestes locais. Os livros que descrevem as histórias das famílias Prediger<sup>15</sup> e Wunsch<sup>16</sup> também foram importantes para localizar alguns pontos a serem investigados para as pesquisas linguísticas. Resumindo, tem-se no quadro da tabela 06 os principais pontos de imigração boêmia no Rio Grande do Sul, conforme dados coletados na literatura.

Municípios no RS	Total aprox. de habitantes	Área territorial (km <sup>2</sup> )	Ano de emancipação	Localidade / bairro	Línguas além do boêmio / contato linguístico
Paverama	8.410	171,863	1988	Linha Brasil	Hunsriqueano e português
Nova Petrópolis	20.275	291,300	1954	Linha Brasil e Linha Imperial,	Hunsriqueano, italiano e português
Farrroupilha	70.655	359,300	1934	Vila Linha Boêmios	Italiano e português
Venâncio Aires	69.521	773,241	1891	Linha Cecília e Linha Isabel	Hunsriqueano e português
Agudo	17.140	536,114	1959	Linha Boêmia	Hunsriqueano, pomerano e português
Jaguari	11.478	673,459	1920	Linha São Roque	Italiano, polonês, russo e português
Imigrante	3.133	73,356	1989	Arroio da Seca	Hunsriqueano, italiano, vestfaliano e português
Colinas	2.497	58,373	1992	?	Hunsriqueano, vestfaliano e português
Arroio do Meio	18.783	157,957	1935	?	Hunsriqueano e português
Crissiumal	14.084	362,150	1955	?	Hunsriqueano e português

**Tab. 06:** Localidades com presença de imigração boêmia no Rio Grande do Sul: dados sócio-demográficos extraídos do IBGE (2010) e da literatura em geral.

<sup>14</sup> Para mais informações acessar: <<http://martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/55/98894c6d5b1a2ba59f7ec32cadad286c.pdf>> Acesso em 18/12/2014.

<sup>15</sup> Livro com o título “História da Família Prediger no Brasil”, de Fritholdo Prediger foi lançado pela editora Treze de Maio, de Venâncio Aires. Livro de difícil acesso e não possui versão *online*.

<sup>16</sup> Artigos sobre a família podem ser acessados em: <[http://www.wunsch.com.br/wunsch\\_genealogia.pdf](http://www.wunsch.com.br/wunsch_genealogia.pdf)> e <[http://www.wunsch.com.br/wunsch\\_historia.pdf](http://www.wunsch.com.br/wunsch_historia.pdf)> Acesso em 18/12/2014.

Observa-se, no quadro acima, que os imigrantes boêmios de diferentes áreas também tiveram diferentes contatos linguísticos. Jaguari apresenta, por exemplo, um contato amplo e diversificado. Por meio de buscas na internet, chega-se à “Sociedade Austro-húngara de Jaguari/RS”, a qual segue rememorando sua história conjuntamente com a “Sociedade Auxiliadora Austro-húngara de São Bento do Sul”, Santa Catarina. O *site* referente a “São Bento no Passado” traz informações importantes a respeito dos imigrantes boêmios que viveram no Brasil. Vários relatos podem ser lidos sobre viagens à República Tcheca em busca da história dos antepassados. Seiffert (2009, p. 45-47) apresenta uma lista de várias famílias vindas da Boêmia para São Bento do Sul/SC. No entanto, não podemos afirmar que ainda há falantes do boêmio nessa localidade por que a literatura encontrada não cita questões linguísticas dos boêmios (BENTHIEN, 2005).

Em 2011, descobriu-se na República Tcheca uma carta que foi escrita em 1894 pelo imigrante Josef Egert, de Jaguari/RS, para seus familiares em Knezmost, na Boêmia. Essa carta foi publicada em um livro e traduzida para a língua tcheca. Encontramos apenas algumas informações sobre personagens boêmios que fizeram história no Brasil, mas pouco se sabe se as gerações de hoje ainda se comunicam na variedade de fala boêmia ou se essa variedade foi substituída pelo hunsriqueano ou alemão padrão local.

Até mesmo na literatura existe uma confusão entre o que é um imigrante alemão e um boêmio. Muitos imigrantes boêmios são confundidos e identificados como alemães, embora tenhamos que reconhecer que os boêmios são descendentes de alemães da Bavária. Outro desafio importante é saber diferenciar os imigrantes austríacos de austro-húngaros. Também já se encontram muitas informações sobre descendentes identificados como “tchecos” (cf. mapa da fig. 13 abaixo). Isso exige uma pesquisa muito mais aprofundada para que possamos afirmar com mais propriedade sobre quais as cidades que já tiveram ou ainda possuem boêmios. As discussões para encontrar uma denominação única e justa em relação ao grupo dos boêmios e à língua por eles falada também ocorre nas matrizes de origem, Alemanha e República Tcheca (BERGER, 2005).

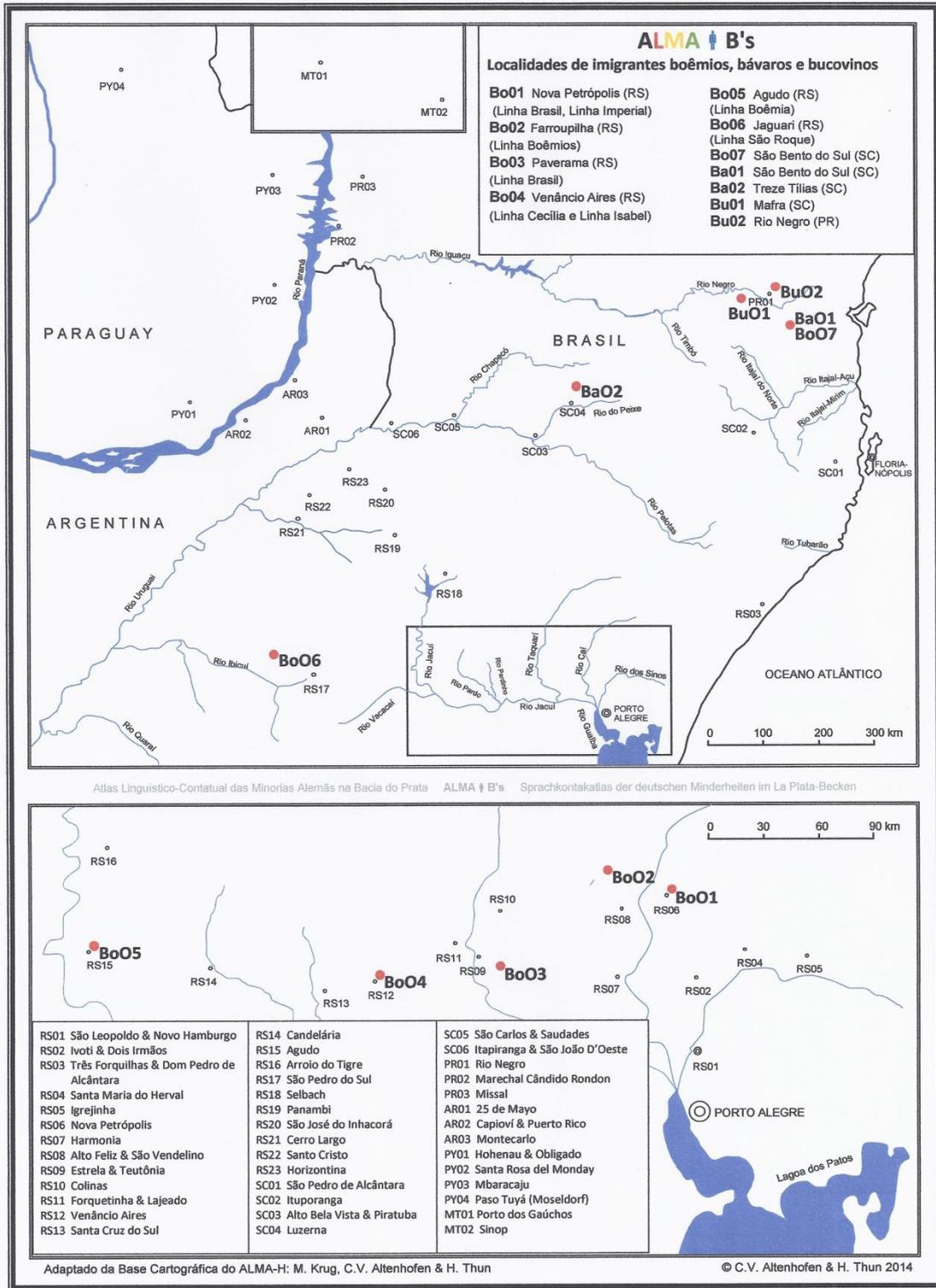


Fig. 13: Mapa dos centros culturais tcheco-brasileiros. Disponível em:

<[http://www.mzv.cz/saopaulo/pt/cultura\\_compatriotas\\_e\\_educacao\\_compatriotas/contatos\\_das\\_associac\\_es\\_de\\_compatriotas/index.html/](http://www.mzv.cz/saopaulo/pt/cultura_compatriotas_e_educacao_compatriotas/contatos_das_associac_es_de_compatriotas/index.html/)> Acesso em 10/08/2014.

Concluindo, tem-se a seguinte rede de pontos de presença de comunidades de falantes de boêmios, bávaros e bucovinos,<sup>17</sup> todos vinculados a uma matriz de base dialetal bávara (a sua localização no mapa pode ser vista na fig. 14 abaixo):

<sup>17</sup> Para mais informações sobre a presença de bávaros e bucovinos, vejam-se respectivamente Blau (1958) e Celestino (2002).



**Fig. 14:** Localidades com presença de comunidades de falantes de boêmio (Bo), bávaro (Ba) e bucovino (Bu) em meio à rede de pontos hunsriqueteanos, na base cartográfica do ALMA-H.

### **3.2 Estudos do contato boêmio-alemão-português: tópicos e lacunas nos estudos relacionados aos Boêmios**

Com este estudo percebemos a falta de pesquisas mais aprofundadas em relação à língua desse grupo minoritário de fala alemã. O único estudo, encontrado até o momento, que menciona algumas variantes da fala dos boêmios, mesmo assim como fonte secundária, é o estudo de Wallauer (2013). O autor realizou entrevistas em Paverama/RS e fez uma comparação entre algumas palavras do boêmio, hunsriqueano, alemão-padrão e português.

A maioria dos estudos encontrados no sul do Brasil relatam brevemente apenas o fato histórico ou a ocupação de determinado espaço físico e geográfico (LANG, 1995; FROSI, 2000; SCHIERHOLT, 2002; HEISLER, 2005; HÜBNER, 2010). Os relatos historiográficos e de vida de muitos imigrantes boêmios foi realizado por Umann (1981). O autor descreve suas memórias e os anos vividos na região da Boêmia até sua vinda e instalação no interior de Venâncio Aires. No entanto, não há nenhuma referência quanto à língua falada pelos imigrantes boêmios. A partir deste estudo prévio, sabemos que é nosso dever registrar e analisar a língua dos imigrantes boêmios do sul do Brasil, enquanto ainda há falantes dessa variante linguística.

### **3.3 Fontes de dados na(s) matriz(es) de origem**

A comparação com dados da matriz de origem, na Europa, permite acompanhar as mudanças linguísticas em território brasileiro, ou mesmo reconstruir / hipotetizar estágios da língua desde o momento da emigração para o Brasil. Encontramos, neste particular, um número razoável de estudos relacionados à história e à língua dos boêmios, diferente dos poucos estudos que podemos identificar no Brasil, até o momento.

Segundo Bauer (1907), desde o século XII, agricultores alemães e burgueses se estabeleceram nas áreas de fronteira da Boêmia e construíram aldeias alemãs livres, implantando o comércio em meio à população eslava do país, o que pode ser visualizado na figura 15 abaixo. Além disso, na corte e na nobreza da Boêmia também havia grande influência alemã. A cultura altamente desenvolvida da classe nobre dos alemães serviu de modelo na região da Boêmia, principalmente durante o século XVII.

## Historische Karte

# Protektorat Böhmen und Mähren

Stand: 27.12.2011



**Tradução nossa:** Carta histórica do Protetorado da Boêmia e da Morávia.

----- Fronteira com a Alemanha – Áustria (incorporação em 1938)

— Fronteira com a Tchecoslováquia até o “acordo de paz” com Munique.

— Fronteira do grande Império Alemão.

**Fig. 15:** Mapa do Protetorado da Boêmia e da Morávia com as principais fronteiras.

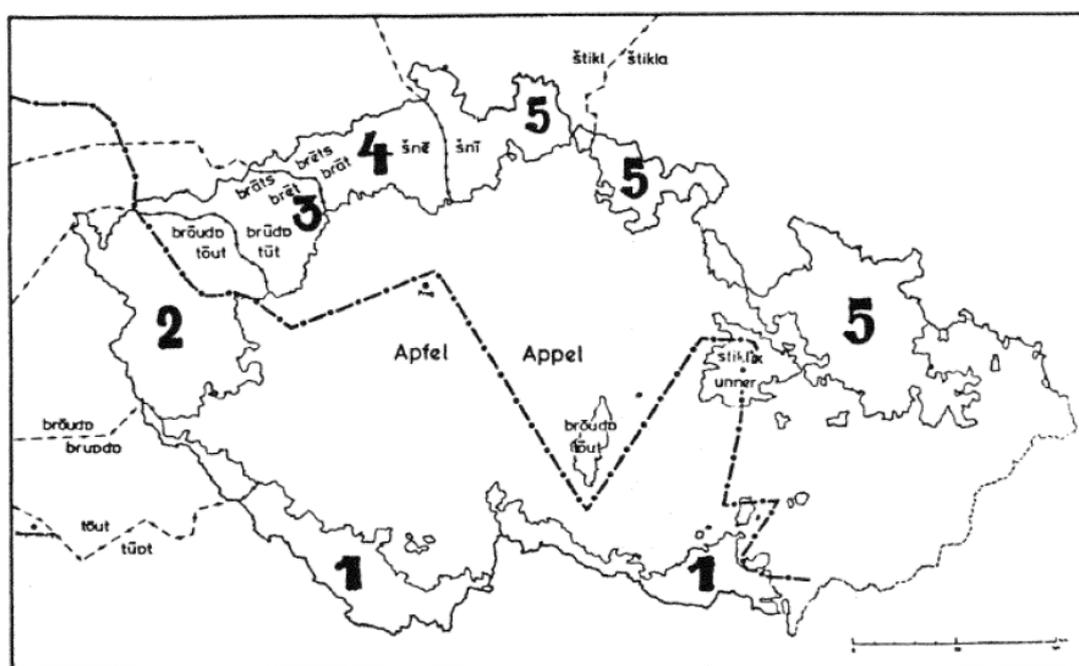
< <http://www.br.de/themen/bayern/inhalt/geschichte/protectorat104.html> >

O livro número dois da Conferência de Paz de Paris (PROTHERO, 1919) revela que a Boêmia caiu sob o domínio dos Habsburgos no início do séc. XVI e, de acordo com este estudo, tornou-se a mais importante província da Áustria, denominada *Österreich* em língua alemã. Atualmente a região da Boêmia pertence à República Tcheca, a qual ainda apresenta resquícios de imigrantes alemães. Esses serviram de informantes ao Atlas Linguístico dos Dialeto Alemães na República Tcheca (ADT - *Atlas der deutschen Mundarten in Tschechien* – Hrsg. Armin R. Bachmann, Albrecht Greule, Mojmír Muzikant e Hermann Scheuringer).

Dos anos de 1991 a 2011, foram realizadas entrevistas em 480 localidades de pesquisa para registrar os dialetos alemães quase extintos na região da Boêmia, República

Tcheca. Os informantes são entrevistados em suas casas e respondem a um questionário de 900 perguntas. Dos 7 volumes do Atlas, um corresponde à introdução, três se dedicam à Fonologia, um à Morfologia e Sintaxe, e dois ao Léxico, os quais agrupam os mais importantes conhecimentos da pesquisa de campo do Projeto ADT.

O mapa abaixo foi analisado no trabalho de Mestrado de Kateřina Kolibová. A estudante da Masaryk-Universität (Masarykova Univerzita) in Brunn/Brno, analisou os dialetos alemães na República Tcheca, especificamente nos Sudetos e no norte da Boêmia, seguindo a metodologia e o banco de dados do Projeto ADT. Esse Projeto é internacional e envolve pesquisadores e universidades da República Tcheca, Alemanha e Áustria.



17. Mundartgrenzen in den früheren Sudetenländern

**Fig. 16:** Fronteiras dialetais dos Sudetos. A linha fronteira dos dialetos praticamente divide a Boêmia ao meio. (KOLIBOVÁ, 2008).

O Projeto ADT (cf. KOLIBOVÁ, 2008) classificou inicialmente as regiões dialetais da República Tcheca, o que corresponde, nesta figura, à região dos Sudetos, a qual entra em contato diretamente com a Boêmia. A região 1 foi caracterizada pela variedade do *mittelbairische Dialekt*, variedade de fala com origens do centro da Bavária que no século XVII entrou em contato com o silésio (*Schlesisch*) no sul da Boêmia. A região 2, recebeu as características da variedade do norte da Bavária (*nordbairischer Dialekt*). Essa

variedade se localiza no oeste da Boêmia, adentrando a região da Floresta Boêmia (*Böhmerwald*) e entrando em contato com a variedade da Alta Saxônia. A região 3, foi influenciada pela variedade do leste francônio (*Ostfränkisch*) e entra em contato com as variedades do Bávaro. Na região 4, observou-se a variedade da Alta Saxônia (*Obersächsisch*) que se dissipou na parte norte da Boêmia. Na região 5, foi registrada a variedade da Silésia que se dissipou no norte da Boêmia, atingindo Reichenberg, Gablonz (cidades de onde migram muitos boêmios para o sul do Brasil), entre outras.

A autora também cita as ilhas linguísticas existentes na Boêmia. Na parte oriental, como podemos verificar no mapa acima, tem-se a variante *Appel* ‘maçã’ e, na parte ocidental, tem-se *Apfel*, com ocorrência da consoante bilabial africativa.

As hipóteses são de que alguns desses contatos linguísticos da matriz de origem possam ter migrado com os boêmios para o Brasil. Em estudos futuros, devemos ainda analisar os Atlas Linguísticos da Bavária (*Bayerischer Sprachatlas*) e comparar com as análises de entrevistas que ainda devem ser realizadas com falantes de boêmio no Brasil.

Em nosso ponto de referência deste estudo (Paverama) constatamos que muitos imigrantes eram registrados conforme a língua que falavam. Prutsch (2002/03, p. 13)<sup>18</sup> também relata sobre essas falsas estatísticas realizadas entre 1875 e 1942 com a entrada de austríacos e alemães no Brasil. Segundo a autora, muitos imigrantes já eram registrados em portos da Alemanha como cidadãos de origem alemã, porque o exigiam dessa forma ou eram registrados conforme a língua que falavam. Até mesmo os imigrantes austríacos por si só preferiam se declarar alemães, e os boêmios como imigrantes austríacos. Esse falso registro de nacionalidade também era realizado em portos brasileiros e seguia a lógica de que “quem fala a língua alemã é alemão”.

A modernização e a industrialização do Reino Áustro-Húngaro provocaram o início de uma nova migração de pequenos comerciantes e dos trabalhadores rurais. Segundo Prutsch, os austríacos saem da Boêmia, Morávia e do Tirol principalmente entre 1870-1880, mesma época em que os bucovinos também migram para o Brasil. Alguns eram analfabetos e tinham em torno de um hectare de terras, o que inviabilizava a sua sobrevivência.

---

<sup>18</sup> *Brasilien als Einwanderungsland für österreichische MigrantInnen, 1875-1942*. Acesso em: <<http://www.lateinamerika-studien.at/content/geschichtepolitik/brasilien/brasilien-titel.html>>.

Outra discussão que ocorre na matriz de origem é quanto à nomeação desses falantes de alemão. No séc. XVIII, o termo *Böhmisch* (boêmio) era utilizado para nomear o espaço geográfico e a língua do povo residente nesse espaço (BERGER, 2005). Já no séc. XX, o termo *Tschechisch* (Tcheco) começou a ser cada vez mais utilizado para nomear tanto a região como a língua da população residente no país.

Neste estudo, também nos deparamos com a dúvida de como nomear esse grupo de falantes vindos da região boêmia ao Brasil, uma vez que, observamos mais de uma vez a intromissão do termo *austríaco*, referindo-se ao Reino Austro-Húngaro. Inicialmente, pensamos no termo *teuto-boêmio* em referência à origem desse grupo que migrou da Alemanha para a região da Boêmia, atualmente, centro da República Tcheca. Por fim, optamos pelas designações *imigrante boêmio* ou *falante boêmio*, ou, simplesmente, *boêmio*, se referindo apenas à região da Boêmia de onde vieram ao Brasil.

### 3.4 Variáveis linguísticas identificadas nos estudos: “marcas boêmias”

As variáveis linguísticas que encontramos são poucas, mas muito representativas para fundamentar e mesmo iniciar os estudos. Essa lista foi reorganizada conforme a tabela de palavras que Wallauer (2013) havia transcrito a partir das entrevistas realizadas com um informante da geração mais velha (GII) de Paverama, de origem boêmia. Inicialmente, percebemos a necessidade de separar as classes de palavras para facilitar as nossas análises e comparações como veremos na tab. 07 abaixo.

Variantes da fala dos boêmios	Variantes da fala dos hunsriqueanos	Tradução para o alemão <i>standard</i>	Tradução para o português
<b>Verbos (<i>Verben</i>)</b>			
<i>assen</i>	<i>esse</i>	<i>essen</i>	<i>comer</i>
<i>halen</i>	<i>halle</i>	<i>halten</i>	<i>segurar</i>
<i>hieren</i>	<i>here</i>	<i>hören</i>	<i>ouvir</i>
<i>kaifen</i>	<i>koofe</i>	<i>kaufen</i>	<i>comprar</i>
<i>loufen</i>	<i>loofe</i>	<i>laufen</i>	<i>caminhar</i>
<i>worten</i>	<i>woote</i>	<i>warten</i>	<i>esperar</i>
<i>zammlehen</i>	<i>sammalehe</i>	<i>zusammenlegen</i>	<i>juntar / aproximar</i>
<b>Substantivos (<i>Substantive</i>): singular e &lt;plural&gt;</b>			
<i>der Boum</i>	<i>de Boom</i>	<i>der Baum</i>	<i>a árvore</i>

<die Baime>	<die Beem>	<die Bäume>	<as árvores>
das Brut <die Brute>	das Brot <die Brot>	das Brot <die Brote>	o pão <os pães>
der Dag <die Dage>	de dooch <die Dooche>	der Tag <die Tage>	o dia <os dias>
das Fanster <die Fanster>	das Fenster <die Fenster>	das Fenster <die Fenster>	a vidraça <as vidraças>
die Koatze <die Koatzen>	die Katz <die Katze>	die Katze <die Katzen>	o gato <os gatos>
der Kochufen <die Kochufen>	de Kochowe <die Kochowe>	der Kochofen <die Kochöfen>	o fogão <os fogões>
die Kuh <die Kuhe>	die Kuh <die Kih>	die Kuh <die Kühe>	a vaca <as vacas>
die Kutte <die Kутten>	das Kleid (der Kittel) <die Kleider>	das Kleid <die Kleider>	o vestido <os vestidos>
das Madel <die Madel>	das Medche <die Medcher>	das Mädchen <die Mädchen>	a moça <as moças>
die Naicht <die Naichte>	die Nacht <die Nachte>	die Nacht <die Nächte>	a noite <as noites>
der Parrer <die Parrer>	de Farra <die Farra>	der Pfarrer <die Pfarrer>	o pastor/o padre <os pastores/padres>
der Schnitt <die Schnitte>	de Schnitt <die Schnitte>	der Schnitt <die Schnitte>	a fatia (de pão) <as fatias>
die Stroasse <die Stroassen>	die Stross <die Strosse>	die Strasse <die Strassen>	a estrada <as estradas>
das Uhr <die Uhren>	das Ohr <die Ohre>	das Ohr <die Ohren>	a orelha <as orelhas>
der Waig <die Waige>	de Weech <die Weeche>	der Weg <die Wege>	o caminho <os caminhos>
<b>Substantivos com seu respectivo artigo</b>			
der Rahn	de Rehn	der Regen	a chuva
der Rahnworm	de Rehnworm	der Regenwurm	a minhoca
der Tou	de Tau	der Tau	o orvalho
der Toarm	de Turm	der Turm	a torre
<b>Advérbio e adjetivo</b>			
bale	ball	bald	logo
kaalt	kalt	kalt	frio
<b>Dias da semana</b>			
Mountich, Denstich, Mittwoch,	Montach, Dienstach, Mittwoch,	Montag, Dienstag, Mittwoch,	segunda, terça, quarta,

<i>Durschtich, Freitich, Sämt, Suntich</i>	<i>Donerstach, Freitach, Samstach, Sonntach</i>	<i>Donnerstag, Freitag, Samstag, Sonntag</i>	<i>quinta, sexta, sábado domingo</i>
<b>Números de 01 a 10</b>			
<i>Ens, zwä, dreie, viere, fünfe, sechse, sieben, achte, neune, zahne</i>	<i>Eens, zwoi, drei, vier, finnef, sechs, siwe, acht, neun, zehn</i>	<i>Eins, zwei, drei, vier, fünf, sechs, sieben, acht, neun, zehn</i>	<i>Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez</i>

**Tab. 07:** Quadro comparativo de variantes da fala dos boêmios, levantadas por Wallauer (2013, p. 164-165), e do hunsriqueano.

O quadro da tab. 07 mostra que alguns verbos e substantivos da fala dos boêmios possuem o uso recorrente de ditongos, como em *hieren* (dt. *hören* / pt. *ouvir*), *der Waig* (dt. *der Weg* / pt. *caminho* ou *estrada*), *der Toarm* (dt. *der Turm* / pt. *torre*), entre outros. A ditongação também ocorre na análise de Kolibová (2008) do dialeto dos Sudetos, a oeste da Boêmia. Na fala dos boêmios, os ditongos ‘ie’ (*hieren*) e ‘ou’ (*der Tou*) mantêm, em certo sentido, sua forma original do *Mittelhochdeutsch* (médio alto-alemão). Os verbos também possuem a terminação *-en*, assim como no alemão *standard*, diferenciando-se do hunsriqueano.

A formação do plural possui a terminação *-e* (*das Brut – die Brute*) ou *-(e)n* (*die Stroasse – die Stroassen* / *das Uhr – die Uhren*) na maioria dos casos. A outra marca do plural é o morfema zero (*das Fanster – die Fanster*), onde a marcação fica explícita pelo artigo *die* (pt. *as/os*).

A autora ainda apresenta alguns exemplos do dicionário do dialeto Zauditz (“*Kleines Wörterbuch: A-Z der Zauditzer Mundart, dem Zauditzer Plattdeutsch*”, de A. Divisch), região dos Sudetos (*apud* KOLIBOVÁ, 2008). O interessante neste estudo é a comparação que pode ser feita com a pequena quantidade de vocabulário do boêmio que conseguimos encontrar na literatura e perceber várias semelhanças com os dialetos falados nos Sudetos e nas fronteiras da Boêmia. No estudo de Kolibová, encontram-se alguns dias da semana, como *Dunerschlich* (dt. *Donnerstag* / pt. *quinta-feira*), *Deenstich* (dt. *Dienstag* / pt. *terça-feira*), *Frattich* (dt. *Freitag* / pt. *sexta-feira*) que podem ser comparados com a fala dos boêmios do Brasil. Segundo os dias da semana, representados na tabela acima

(WALLAUER, 2013), tem-se um registro muito semelhante para esses três dias citados: *Durschtich, Denstich e Freitich*.

Esses exemplos nos possibilitam refletir sobre o questionário que precisamos elaborar para as entrevistas em nível de Mestrado. Além de definir com clareza as dimensões do modelo pluridimensional, a definição de um questionário diferenciado se reveste da mais alta importância, tendo em vista os poucos informantes e a complexidade dos contatos linguísticos constatada nas comunidades de falantes no Brasil, conforme a nossa pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou suprir a carência de estudos na área de contatos linguísticos entre grupos minoritários de língua alemã envolvendo o contato boêmio-hunsriqueano-português. Daí a preocupação em fornecer fundamentos não apenas para a pesquisa nessa área, o que soa bastante pretensioso, mas acima de tudo para a trajetória de pesquisa da autora do trabalho, para o qual se pretende dar continuidade. Por força do objeto de estudo que ainda precisa ser melhor delimitado, este estudo se estendeu à análise e identificação de outros grupos minoritários de origem próxima, representados pelos bávaros (Ba), bucovinos (Bu) e austríacos (muitas vezes tirolezes), tendo em vista sua origem comum no então Reino Austro-Húngaro (1867-1918). Além do mais, os falantes do que se pode abstrair como “boêmio” também eram originários da Bavária, o que pode ter reflexos na configuração linguística dessas variedades em análises comparativas de estudos futuros.

O estado atual das pesquisas em relação a estes grupos minoritários ainda está completamente focado na descrição histórica e não se encontrou análises linguísticas sobre essa variedade de fala no Brasil. A intenção deste trabalho não foi esgotar as leituras, e sim contribuir para uma base de orientação que dê continuidade, de forma sólida e planejada, a este estudo. O item *b* dos objetivos específicos não foi totalmente alcançado devido à impossibilidade de realizar as entrevistas durante o curto período de um TCC. Esse objetivo deverá ser atingido nas próximas etapas dos estudos acadêmicos.

A origem topodinâmica (THUN, 1998) e a origem linguística dos austríacos, bávaros, boêmios e bucovinos está na base dialetal da Bavária (*Bayern*). Com a definição destes grupos também encontramos a justificativa para as diferentes nomeações como *austríaco* (*Österreichisch*), *tcheco* (*Tschechisch*), *bávaro* (*Bayerisch*) e mesmo *bucovino* (*Bukowinisch*), os quais precisam ser levados em conta na elaboração de estudos linguístico-comparativos.

Este estudo é uma introdução fundamental e muito enriquecedora para a elaboração de um questionário específico que preencherá algumas lacunas em estudos linguísticos sobre essas línguas de imigração. No entanto, os estudos historiográficos encontrados foram fundamentais para a localização e o mapeamento dos futuros pontos de pesquisa.

Neste sentido, o esboço de um mapa da rede de pontos de presença de falantes de boêmio (Bo), bávaro (Ba) e bucovino (Bu), em meio à rede de pontos hunsriqueanos, na base cartográfica do ALMA-H, conforme apresentado na fig. 14, foi relevante para identificar as tarefas de pesquisa no que diz respeito a essas variedades e contatos linguísticos.

Vale destacar que este estudo permitiu compreender melhor a situação e o contexto em que se dão os contatos linguísticos dos falantes boêmios. Também se observou que o modelo de macroanálise pluridimensional e relacional contribui substancialmente para fundamentar uma base sólida de pesquisa que dê conta da complexidade da variação e dos contatos destas línguas sob condições sócio-históricas e geográficas distintas.

A carência de disciplinas sobre os contatos linguísticos, o plurilinguismo e a variação linguística no Curso de Letras, a nível de graduação, precisa ser repensado. A inclusão dessas questões são fundamentais para a formação de alunos mais sensíveis e abertos à diversidade linguística e cultural presente no território brasileiro.

Este trabalho também veio para destrinchar um pouco da formação territorial e cultural de Paverama, que constituiu, por razões circunstanciais, o ponto de partida e foco central nesta etapa de pesquisa. Com isso, espera-se ter contribuído para a valorização linguística das variedades existentes no local. A documentação dessas variedades linguísticas, em especial a variedade de fala dos boêmios, se torna necessária e urgente, tendo em vista a importância historiográfica das línguas na formação da população local.

Além das línguas serem um meio de comunicação, elas também são formadoras da identidade individual e coletiva dos indivíduos. Aprender a valorizar a diversidade linguística e cultural desde os anos escolares iniciais ajuda a evitar futuros preconceitos linguísticos e culturais. Essa valorização torna os indivíduos capazes de entender que o prestígio de uma língua dominante não desvaloriza, nem diminui a importância de outras línguas, dialetos ou variedades linguísticas.

Espera-se contribuir com os futuros estudos relacionados aos contatos linguísticos entre línguas minoritárias brasileiras e que se possa ainda registrar a tempo os resquícios destas línguas que estão correndo sérios riscos de desaparecerem. A relevância deste trabalho de conclusão do curso de Letras em Licenciatura, Português-Alemão, é apenas o início de muitas outras pesquisas na área da dialetologia pluridimensional e dos contatos linguísticos.

## REFERÊNCIAS

ALERS = KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V. & KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

ALERS = ALTENHOFEN, Cléo V. & KLASSMANN, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

\_\_\_\_\_. *O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul*. In: Cadernos do Instituto de Letras, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1998.

\_\_\_\_\_. *Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil*. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 93-116, 2013a.

\_\_\_\_\_. *Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual*. In: Revista de Letras Norte@mentos, Sinop, v. 6, p. 19-43, 2013b. Disponível em: <[http://projetos.unemat-net.br/revistas\\_eletronicas/index.php/norteamentos](http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos)> Acesso em 20/08/2014.

\_\_\_\_\_. *O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata*. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & URUGUAY, C. Gonzales (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014a.

\_\_\_\_\_. *Dachsprachenwechsel und Varietäten Abgrenzung im Kontakt zwischen hunsrückisch und portugiesisch in Brasilien*. In: Festschrift für Harald Thun zum 60. Geburtstag. Kiel Westensee-Verlag, 2014b. [No prelo.]

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela. *Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas*. In: Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas (6. : 2013 nov. 23-25: Porto Alegre, RS). FARENZENA, Nalú (org.). Porto Alegre: UFRGS, p. 19-26, 2013.

AMMON, Ulrich. *Standard und Variation: Norm, Autorität, Legitimation*. Duisburg, 2005. Disponível em: <<http://www.ids-mannheim.de/org/tagungen/jt2004/ammon.pdf>> Acesso em 03/11/2014.

AMSTAD, Theodor (Org.). *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul (1824-1924)*. Tradução de Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

AUER, Peter. *From code switching via language mixing to fused lects: toward a dynamic typology of bilingual speech*. In: International Journal of Bilingualism 3, p. 309-332, 1999.

BACHMANN, Harald. *Joseph Maria Baernreither und die nationale Ausgleichspolitik der österreichischen Regierung in Böhmen (1908-1914)*. [Bohemia Band 7, editora Lersche, 1966].

BARROS, Fernando Hélio Tavares de. *Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos - MT: configurações do multilinguismo em fronteira de Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

BAUER, Otto. *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie*. Vienna: Passin and especially. 1907. Disponível em: <<http://www.marxists.org/deutsch/archiv/bauer/1907/nationalitaet/16-oesterreich.html>> Acesso em 19/05/2014.

BELLMANN, Günter. *Probleme des Substandards im Deutschen*. In: MATTHEIER, Klaus J. *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen : Niemeyer. p. 105-130. (Reihe Germanistische Linguistik; 46.), 1983.

BENTHIEN, Murielle Silveira Boeira. *Poloneses da Colônia São Bento (1870-1930)*. Dissertação de Mestrado. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Programa de Pós-Graduação em História, 2005.

BERGER, Tilman. *Böhmisch oder Tschechisch? Der Streit über die adäquate Benennung der Landessprache der böhmischen Länder zu Anfang des 20. Jahrhunderts*. In: Sprache und nationale Identität im öffentlichen Raum der Kafka-Zeit, hrsg. von NEKULA, M.; FLEISCHMANN, I.; und GREULE, A., 2005. Disponível em: <<http://homepages.uni-tuebingen.de/tilman.berger/Publikationen/Regensburg05.pdf> > Acesso em 12/08/2014.

BERRUTO, Gaetano. *Identifying dimensions of linguistic variation in a language space*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and space: theories and methods*. Berlin/New York: de Gruyter, vol.1. p. 226-241, 2010.

BLAU, Josef. *Baiern in Brasilien. Chronik der im Jahre 1873 begonnenen Besiedlung von São Bento in Brasilien durch arme Leute aus dem Böhmerwald. Mit 2 Karten und 8 Bildtafeln*. Gräfelfing b. München: Edmund Gans, 1958.

BORN, Joachim; DICKGIESSER, Sylvia. *Deutschsprachige Minderheiten: ein Überblick über den Stand der Forschung für 27 Länder*. Mannheim: Institut für deutsche Sprache, 1989.

CELESTINO, Ayrton Gonçalves. *Os Bucovinos do Brasil*. Curitiba: Torre de Papel, 2002.

COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. (Cuadernos de Lingüística; 8.), 1982.

FAA (Federação de Associações Alemãs). *Cem anos de Germanidade no R.G.S. – 1824-1924*. Tradução de Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.

FERGUSON, Charles A. *Diglossia*. In: *Word*, New York, n. 15(2), p. 325-340, 1959.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

FINKLER, Arthur. *Os imigrantes alemães em Venâncio Aires*. In: Redes, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. especial (ago. 1999), p. 25-33, 1999.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Imigrantes boêmios*. In: FLORES, Moacyr (org.). *Cultura sul-rio-grandense*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; CIPEL; Instituto Cultural Português, p. 20-32, 1981.

\_\_\_\_\_. *Canção dos imigrantes*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes / Universidade de Caxias do Sul, 1983.

FROSI, Vitalina Maria. *Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística*. In: CARBONI, Florence e MAESTRI, Mário. *Raízes Italianas do RS (1875-1997)* Passo Fundo: UPF, 2000.

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. *“Tu dampém fala assim?”: Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

GILLES, Peter. *Die konstruktion einer Standardsprache. Zur Koinédebatte in der luxemburgischen Linguistik*. In: Dialektologie zwischen Tradition und Neuansätzen. Beiträge der Internationalen Dialektologentagung. Göttingen, p. 19-21, 1998.

HEISLER, Cláudio Afonso. *Imigrantes boêmios no Vale do Sampaio*. In: ARENDT, Isabel Cristina & WITT, Marcos Antônio (orgs.). *História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã*. Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras (7.: 2005: Teutônia e Westfália/RS). São Leopoldo: Oikos, 2005. p. 271-275.

HEYE, Jürgen. *Sobre o conceito de diglossia*. In: GORSKI, E. M. & COELHO, I. L. (orgs). *Sociolinguística e Ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 69-81, 2006.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

HÜBNER, Cleto José. *A transformação de hábitos, costumes e tradições em Sampaio*. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Filosofia, UFRGS. Porto Alegre, 2010.

KOLIBOVÁ, Kateřina. *Die deutschen Mundarten in den böhmischen Ländern*. Masaryk Universität. Magisterarbeit. Betreuer: Mgr. Vlastimil Brom, Ph. D. 2008. Disponível em: <[http://is.muni.cz/th/177794/ff\\_m/diplomova\\_prace.pdf](http://is.muni.cz/th/177794/ff_m/diplomova_prace.pdf)> Acesso em 20/06/2014.

LANG, Guido. *Colônia Teutônia – História e Crônica (1858-1908)*. São Leopoldo, Gráfica Sinodal, 1995.

LENZ, Alexandra N. *Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten*. In: EGGERS, Eckhard; SCHMIDT, Jürgen Erich; STELLMACHER, Dieter (Hrgs.). *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie*. Akten des 1. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD). Stuttgart: Franz Steiner, p. 229-252, 2005.

MACKEY, William F. *The description of bilingualism*. In: FISHMAN, Joshua A. [ed.]. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, p. 554-584, 1972.

MARQUES, Marli Pereira. *Sinais culturais açorianos em Taquari*. TCC, Unisinos, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/38015271/TCC-Marli-Pereira-Marques-Historia-Unisinos-22>> Acesso em 28/07/2014.

PABST, Christiane M. *Die Entdeckung der Sprachinsel Núcleo João Pinheiro (Brasilien): Streiflichter zu Mentalität, Interferenzerscheinungen und Phraseologismen*. In: PABST, Christiane M. (Hrsg.). *Sprache als System und Prozess: Festschrift für Günter Lipold zum 60. Geburtstag*. Wien: Edition Praesens, p. 119-145, 2005.

PORTO, Renata Sobrino. *Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica*. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

PROTHERO, G. W. *Bohemia and Moravia*. London: Published by H. M. Stationery Office. Handbooks prepared under the direction of the Historical section of the Foreign Office. N° 2, 1920. Disponível em: <[http://www.wdl.org/pt/item/9153/#additional\\_subjects=Ethnic+groups&page=2](http://www.wdl.org/pt/item/9153/#additional_subjects=Ethnic+groups&page=2)> Acesso em 19/05/2014.

PRUTSCH, Ursula. *Brasilien 1889-1985: Von der Ersten Republik bis zum Ende der Militärdiktatur*. Institut für Geschichte der Universität Wien, 2002/03. Disponível em: <<http://www.lateinamerika-studien.at/content/geschichtspolitik/brasilien/brasilien-titel.html>> Acesso em 29/11/2014.

RIEHL, Cláudia Maria. *Discontinuous language spaces (Sprachinseln)*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Jürgen Erich (eds.). *Language and Space – Theories and Methods (HSK 30.1)*. Berlin/New York: de Gruyter, p. 332-354, 2010.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: Ontem e Hoje*. 2002. Disponível em: <<http://www.estrelars.com.br/site/arquivo/download/id/6117/table/servicocidadao/prefix/original>> Acesso em 14/07/2014.

SCHOLL-SCHNEIDER, Sarah. “*Aber mein Mann wollte nicht mehr, der wollte nach Hause zurück*“. *Die option der Remigration für die deutsche Auswanderung aus dem östlichen Europa in Übersee*. S. 132-149, In: *Jahrbuch für Deutsche und Osteuropäische Volkskunde*. Münster: Waxmann Verlag. Band 54, 2013 [e-Book].

SEIFFERT, Ana Paula. *Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC): estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.

SMF (*Sprachatlas von Mittelfranken*). MUNSKE, Horst Haider und KLEPSCH, Alfred (Hrsg.). Band 2.1: *Mittelhochdeutsche Langvokale und Diphthonge: Karten und Kommentare*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2004.

STEFFEN, Joachim. *A vantagem de falar dialeto: aproveitar as variedades não padrão para a construção de comunidades multilíngues*. In: *Revista Contingentia*, v. 3, n. 2, p. 67-76, nov. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/6969/4298>> Acesso em 15/08/2014.

THUN, Harald. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidéanos en Rivera*. In: Radtke, Edgar & Thun, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl. p. 210-269, 1996.

\_\_\_\_\_. *La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21: 1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, v. 5, p.701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789, 1998.

\_\_\_\_\_. Variation im Gespräch zwischen Informant und Explorator. In: LENZ, Alexandra & MATTHEIER, Klaus (Hrsg). *Varietäten: Theorie und Empirie*. Europäischer Verlag der Wissenschaften: Peter Lang, p. 97-127, 2005

\_\_\_\_\_. *A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas*. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL. Tomo II, p.531-558, 2009.

\_\_\_\_\_. *Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo*. In: AUER, Peter & SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 706-723, 2010b.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics: An Introduction to Language and Society*. Revised Edition. Harmondsworth: Penguin, 1983.

UMANN, Josef. *Memórias de um imigrante boêmio*. [Edição bilíngüe] Trad. e notas Hilda Agnes Hübner Flores. 3. ed. Porto Alegre, EST/Nova Dimensão. Coleção Imigração Alemã; 13; 108 p. [1938] 1997.

VOGT, Olgário Paulo; SILVEIRA, Rogério Leandro da (orgs). *Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2001.

VOGT, Olgário Paulo. *A morte entre os descendentes de imigrantes boêmios de Venâncio Aires, RS*. In: ARENDT, Isabel Cristina & WITT, Marcos Antônio (orgs.). *História, cultura e memória: 180 anos de imigração alemã*. Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-Brasileiras (7.: 2005 : Teutônia e Westfália/RS). São Leopoldo : Oikos, p. 123-135, 2005.

WALLAUER, Erno. *Paverama: Anotações sobre o povo e a cultura*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2013.

## SITES

**Consulado Geral da República Tcheca em São Paulo.** Disponível em:  
<[http://www.mzv.cz/saopaulo/pt/noticias\\_e\\_acomecimentos/index\\_1.html](http://www.mzv.cz/saopaulo/pt/noticias_e_acomecimentos/index_1.html)> Acesso em 17/08/2014.

**Consulado Geral da República Tcheca em São Paulo.** Disponível em:  
<[http://www.mzv.cz/saopaulo/pt/cultura\\_compatriotas\\_e\\_educacao/compatriotas/contatos\\_das\\_associac\\_es\\_de\\_compatriotas/index.html](http://www.mzv.cz/saopaulo/pt/cultura_compatriotas_e_educacao/compatriotas/contatos_das_associac_es_de_compatriotas/index.html)> Acesso em 10/08/2014.

**IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=431415&search=||infogr%E1ficos:-hist%F3rico>> Acesso em 06/08/2014.

**Instituto Hans Staden de São Paulo**. Famílias Brasileiras de Origem Germânica. Volume VI, 1975. Disponível em: <<http://martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/55/98894c6d5b1a2ba59f7ec32cadad286c.pdf>> Acesso em 18/12/2014.

Disponível em: <<http://www.gramadosite.com.br/cultura/artigos/ovidio/id:33635>> Acesso em 20/08/2014.

Disponível em: <[http://www.novapetropolis.rs.gov.br/noticias\\_int.php?id=2658](http://www.novapetropolis.rs.gov.br/noticias_int.php?id=2658)> Acesso em 20/08/2014.

Disponível em: <[http://www.alemaesdosul.com.br/pt\\_br/roteiro](http://www.alemaesdosul.com.br/pt_br/roteiro)> Acesso em 22/08/2014.

Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/>> Acesso em 05/10/2014.

Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10&sigla=Institucional&retorno=paginaIphan>> Acesso em 05/10/2014.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm)> Acesso em 01/11/2014.

Disponível em: <<http://forlibi.blogspot.com.br/search/label/Hunr%C3%BCckisch>> Acesso em 02/11/2014.

Disponível em: <<http://hhenkels.blogspot.com.br/2013/02/viagem-boemia-1929.html>> Acesso em 24/11/2014.

Disponível em: <<https://saobentonopassado.wordpress.com/tag/sociedade-auxiliadora-austro-hungara/>> Acesso em 24/11/2014.

Disponível em: <<http://smecjaguari.blogspot.com.br/2011/08/linha-6-sao-roque-sedia-festa-de.html>> Acesso em 24/11/2014.

Disponível em: <<https://saobentonopassado.wordpress.com/tag/boemia/page/2/>> Acesso em 24/11/2014.

Disponível em: <[www.ufrgs.br/projalma](http://www.ufrgs.br/projalma)> Acesso em 09/12/2014.

Disponível em: <[http://pt.metapedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_Austro-H%C3%BAngaro](http://pt.metapedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Austro-H%C3%BAngaro)> Acesso em 12/12/2014.

## INSTITUIÇÕES E LOCAIS DE PESQUISA

**Secretaria da Comunidade Evangélica Cristo de Paverama (IELCB).**

Rua 4 de Julho, 6909

Centro, Paverama - RS

CEP: 95865 000

Disponível em: <[http://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/paverama-rs/comunidades-paroquia-paverama](http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/paverama-rs/comunidades-paroquia-paverama)> Acesso em 11/07/2014.

**Prefeitura Municipal de Paverama.**

Rua 4 de Julho, 7220

Centro, Paverama – RS

CEP: 95865-000

Disponível em: <<http://www.paverama.rs.gov.br/>> Acesso em 11/07/2014.

**Cartório de notas e registros de Paverama.**

Rua 4 de Julho, 7522

Centro, Paverama – RS

CEP: 95865-000

Disponível em: <<http://cartoriosbr.com.br/9455/protestobr-cartorio-de-paverama/>> Acesso em 11/07/2014.

**Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**

Endereço R. Sete de Setembro, 1020

Porto Alegre – RS

Acervo de Documentos e Códices de interesse histórico que remontam ao século XVIII e alcançam até a década de oitenta do século XX. Os documentos originam-se do poder público e de coleções privadas e compreendem a História Administrativa, Política, Econômica e Social do Rio Grande do Sul.

Disponível em: <<http://www.cultura.rs.gov.br/v2/instituicoes-sedac/instituto-2/>> Acesso em 08/08/2014.